

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia
numa perspectiva de difusão
geográfica no território português

Anabela da Silva Marques
2010/2011

Índice

Introdução.....	3
Capítulo I	6
A Religião e o Espaço; Breve reflexão teórica	6
1.1 Reflexões sobre a Religião na Geografia	7
1.2. As Principais Religiões e Processos de Difusão	10
1.3 Geografia e religião, das pequenas às grandes escalas	17
Capítulo II	32
Territórios da Difusão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal	32
2.1. A Igreja Adventista – breve apresentação	33
2.2. Geografia, dinâmicas e processos de difusão da Igreja Adventista em Portugal	38
2.3 A Paisagem da Igreja Adventista em Portugal – algumas referências	54
Capítulo III	57
A Igreja Adventista do Sétimo Dia no concelho de Coimbra - espaço e população	57
Considerações Finais:	71
Bibliografia	72
Outras Fontes.....	75

Introdução

Este trabalho tem a sua origem nas vivências pessoais e na busca constante da Religião (sentimento, viagens, literatura, arte). Contudo, os últimos anos dedicados à Geografia levaram-me a reunir estes dois interesses: Religião e Espaço.

Na verdade, foi a geógrafa brasileira Zeny Rosendahl quem, num congresso da Faculdade de Letras de Coimbra, me motivou a aprofundar este tema.

A ideia de escrever a dissertação com esta temática, foi reforçada por várias cadeiras do Curso de Geografia no âmbito das quais foram produzidos diversos trabalhos, como recensões críticas sobre o texto: *Geografia da Religião no Brasil: Censos demográficos e transformações recentes*, de Fernando Raphael Ferro de Lima (2009). Foram ainda realizados trabalhos com os títulos: *A Mobilidade Religiosa em Transformação: O Turismo Religioso (2009)*; *Identidades sagradas diversificadas num território urbano (2010)*; *Planeamento Estratégico vector de promoção do Marketing Territorial nas festividades dos Espaços Religiosos da Cidade de Coimbra (2010)*.

No âmbito do curso intensivo, foi proposta a elaboração de um poster científico a apresentar na Festa da Geografia em Mirandela: *A religião e a paisagem cultural de Coimbra - Os espaços sagrados e a diversidade religiosa na Freguesia da Sé Nova na imagem e no marketing urbano (2010)*, foi a minha opção.

A investigação sobre Geografia da Religião levou a um levantamento de bibliografia em áreas como História, Sociologia e Arqueologia, assim como à observação da paisagem portuguesa nesta óptica, em lugares sagrados de intensa religiosidade na nossa época, como o caso de Fátima, em castelos que guardam a presença de diversas vivências religiosas alternadas consoante as suas conquistas, bem como em ruínas como no caso de Conímbriga. Todos os lugares contêm formas distintas de viver a religião.

Neste trabalho, no Capítulo I, discutem-se os conceitos teóricos seguindo obras entendidas como importantes.

Zeny Rosendahl e Sylvio Fausto Gil Filho foram os geógrafos que publicaram a bibliografia que mais me influenciou. No entanto, não posso deixar de reconhecer o mérito de todos os outros autores, que produziram obras sobre a Geografia da Religião. Para além destas obras de referência será inevitável o recurso à Bíblia enquanto documento histórico.

A territorialidade dos lugares sagrados é examinada numa dimensão espacial de relação com Identidade, História e Simbolismo de uma sociedade em constante mudança, e com uma população com diferentes necessidades ao nível da realização e do crescimento da sua espiritualidade.

O estudo empírico trata dados quantitativos para estudar a população adventista em comparação com a população portuguesa e observa a difusão espacial, construindo mapas que permitam ao leitor uma melhor e mais rápida compreensão. Por isso, no Capítulo II é explanado o processo de difusão da Igreja Adventista em Portugal, como este se verificou na Região Centro e como se hierarquiza e acompanha ou não o fenómeno migratório português, se de áreas despovoadas à concentração nas cidades, ou se a cidade de Coimbra é o pólo de partida estratégico da difusão na Região.

A metodologia para a elaboração destes cartogramas de difusão espacial teve as seguintes etapas: recolha de dados estatísticos fornecida pela União Adventista Portuguesa que, com amabilidade, se dispôs a facultar os dados; tratamento dos dados de maneira a poder trabalhá-los consoante o nosso objectivo pretendido. Reunido em tabelas de Excell, adicionámos a informação quantitativa e construímos layers que nos permitiram a concretização do mapa com as diversas igrejas em ambiente SIG. Neste projecto, foi apenas recolhida a informação de igrejas, excluindo assim, os diversos grupos de adventistas do sétimo dia existentes no território português que se reúnem mas não estão vinculados a nenhuma igreja,.

No Capítulo III faz-se um estudo sobre a população da Igreja Adventista de Coimbra, tendo em conta os concelhos e freguesias da residência dos membros, o número de famílias e seus crentes, a distribuição etária, sexo e habilitações académicas.

Neste capítulo, vamos também observar como a evolução da tecnologia é colocada ao serviço da difusão religiosa e qual é o território que tem assistido aos programas transmitidos na Web. Serão elaborados diversos mapas exemplificativos da difusão espacial.

O motivo que levou à escolha da Igreja Adventista como estudo de caso, baseou-se no seu interesse científico, uma vez que apresenta uma territorialidade com relevância para a Geografia, envolvido na temática da religião e do espaço.

Segundo, porque conheço e tenho dados passíveis de serem analisados com imparcialidade por um geógrafo.

São quatro as questões que conduzem este trabalho científico:

1. É a religião um importante elemento na difusão de valores culturais?
2. Como se processa a difusão da influência de uma confissão religiosa como a Igreja Adventista?
3. As novas tecnologias excluem o espaço físico religioso?
4. É a religião um factor importante no ordenamento do território e no desenvolvimento económico e social, promovendo a coesão, o bem-estar físico, psíquico e espiritual?

Com estas propostas, espero deixar em aberto mais trabalhos na área da Geografia da Religião, ramo da Geografia Cultural, a serem desenvolvidos em Portugal, e com isso salientar a importância da Geografia em diversas áreas que ainda estão por explorar.

Capítulo I

A Religião e o Espaço; Breve reflexão teórica

1.1 Reflexões sobre a Religião na Geografia

A religião sempre esteve ligada ao espaço e, por tal motivo, alguns geógrafos humanistas têm produzido trabalhos científicos nesta área. Assim, passo a elencar aqueles que considere mais pertinentes para a presente dissertação.

Zeny Rosendahl tem vindo a editar trabalhos na área da Geografia da Religião. Destes, destacam-se:

- *Espaço e Religião: Uma abordagem geográfica (2002), 2ª edição*, no qual se refere como a religião é parte integrante de qualquer formação social.

Elabora conceitos de espaço sagrado e espaço profano, trata da difusão e áreas de abrangência, das religiões, os centros de convergência e irradiação religiosa, território e territorialidade e finalmente, a percepção e a vivência do espaço sagrado, são os quatro temas propostos, que trazem em si a marca da geografia.

Roberto Lobato Correa (1996)

- *Hierópolis: O sagrado e o urbano (2009)*, no qual interpreta no âmbito espacial, *manifestações do sagrado nos santuários do catolicismo romano* a ligação do sagrado na paisagem e as relações do homem com a divindade, na fé, nos cultos, em oferendas e nas práticas materializadas no espaço.

Hebert Azevedo (2009) apresenta um trabalho com o tema *A Difusão espacial de uma ideia: a espacialidade do movimento espírita organizado no Município de São Gonçalo Rj (2008)*. Nesta obra trata os diferentes tempos e a dinâmica na difusão do espiritismo no Município de São Gonçalo.

Sylvio Fausto Gil Filho (2009) aborda o simbolismo nas representações espaciais, como ela modela o mundo e como se materializa na paisagem. Faz reconstruções teóricas sobre o idealismo crítico da Geografia Cultural e Humanista, em relação às representações da percepção e cognição.

Enio Jose da Costa Brito (2010) relaciona a devoção negra dos santos pretos no Brasil devido a agentes culturais que importaram de Portugal, que já tinham sido adoptados em Espanha, através das suas viagens. O objectivo era a reconstrução da memória africana no Brasil para deste modo preservar os valores culturais.

A revista *Papeles de Geografia* 26 (Júlio-Diciembre de 1997) publicou um artigo de **Aurelio Cebrián Abellán**, sobre as entidades confessionais não católicas e a sua distribuição no território de Espanha na qual refere que possuem uma variadíssima tipologia.

Maria Graça Poças Santos estudou a dimensão espacial de fenómenos religiosos nas dimensões, não só pessoais, mas também sociais. A sua tese de doutoramento (2004) tem como título *A Espiritualidade e território: estudo geográfico de Fátima*.

A religião é estudada pelos geógrafos com o objectivo de conhecer os lugares sagrados num determinado espaço-tempo, reconhecendo todas as suas dinâmicas, as culturas que influenciam e são influenciadas, a demografia religiosa, os processos de difusão exercidos pelas diversas religiões, como elas modificam paisagens e mantêm territorialidades em rede, como elas têm a capacidade de desenvolver lugares, caracterizam povos. São diversos os temas abordados pelos geógrafos.

Os lugares de cada confissão, isto é, as territorialidades de uma, definem e criam espaços, a fim de promover a ligação da humanidade com um deus da qual resulta; São estes espaços religiosos, vivenciados por diferentes culturas que marcam diferentes religiões, influenciam ou não um diâmetro de territorialidade mais intenso a nível local, no caso da frequência dos crentes terem uma proximidade do lugar religioso (igreja), mas também com projecção a nível global, como nos casos de Meca, Fátima ou Lourdes.

A religião e a paisagem acabam numa íntima ligação, que necessita de um espaço físico definido para estimular e representar a sua crença, para que a humanidade mantenha na memória os cinco sentidos cognitivos que o levam ao conhecimento mais íntimo com Deus e para outros com a sociedade, a visão é estimulada por objectos, paisagem, cor, arquitectura; a audição com a mensagem através dos dirigentes religiosos, a música, os hinos, e toda a ritualidade musical incluindo até mesmo o silêncio; outro sentido cognitivo é o paladar com os alimentos, no caso da Santa Ceia do pão e do vinho como símbolos do Corpo e Sangue de Cristo, respectivamente. O olfacto distingue-se nos incensos, velas, óleos, flores, alimentos ou outros odores. O tacto incorporado nos objectos sagrados, como a Bíblia, o Terço, a água, difere de religião para religião. A paisagem sagrada é construída pelo ser humano e apresenta múltiplas dimensões, da estética ao cheiro e deste ao paladar e ao som e, por isso, implica uma relação multissensorial com o espaço.

1.2. As Principais Religiões e Processos de Difusão

a) A diversidade religiosa no mundo

Em todo o mundo a religiosidade deixa marcas materiais e imateriais na paisagem, permanentes ou efémeras, cíclicas ou ocasionais através dos seus muitos santuários, festas e comportamentos do ser humano perante a filosofia e crença de cada religião. Todas influenciam os seres humanos com os seus princípios e traçam directrizes que acabam por produzir povos com características únicas. Podemos também fazer referência a ilhas religiosas, pois o factor de migração deixa o mundo repleto de locais característicos de religiões distintas.

Os lugares são delimitados por fronteiras que os protegem ou isolam, como no caso de Israel, onde a construção de muros para a protecção do seu povo levou ao isolamento e à diferenciação para com os palestinianos. O território é, neste caso, compartimentado por barreiras físicas ou psicológicas construídas pelo ser humano, com fundamentos religiosos.

A religião tem marcado o espaço ao longo dos tempos criando novas paisagens, com tradições, vestes, livros sagrados, objectos, arquitectura, alimentação, estilos de vida, guerras e estruturas militares com dependência religiosa. Os números que contabilizam os fiéis de cada religião demonstram o peso da religiosidade do ser humano no globo.

Os seguintes mapas demonstram a repartição dos territórios dominantes, definidos pelas diferentes religiões no mundo, que ao longo da história se têm aliado a poderes políticos para um maior domínio de áreas religiosas. Assim se define o mapa-mundi para as grandes religiões, conforme se vê na Figura 1. Por exemplo, o norte de África tem uma maior densidade populacional muçulmana; enquanto os ortodoxos ocupam a Europa de leste e os budistas o continente asiático. A população protestante está presente em todos os continentes à semelhança da católica à excepção da Oceânia.

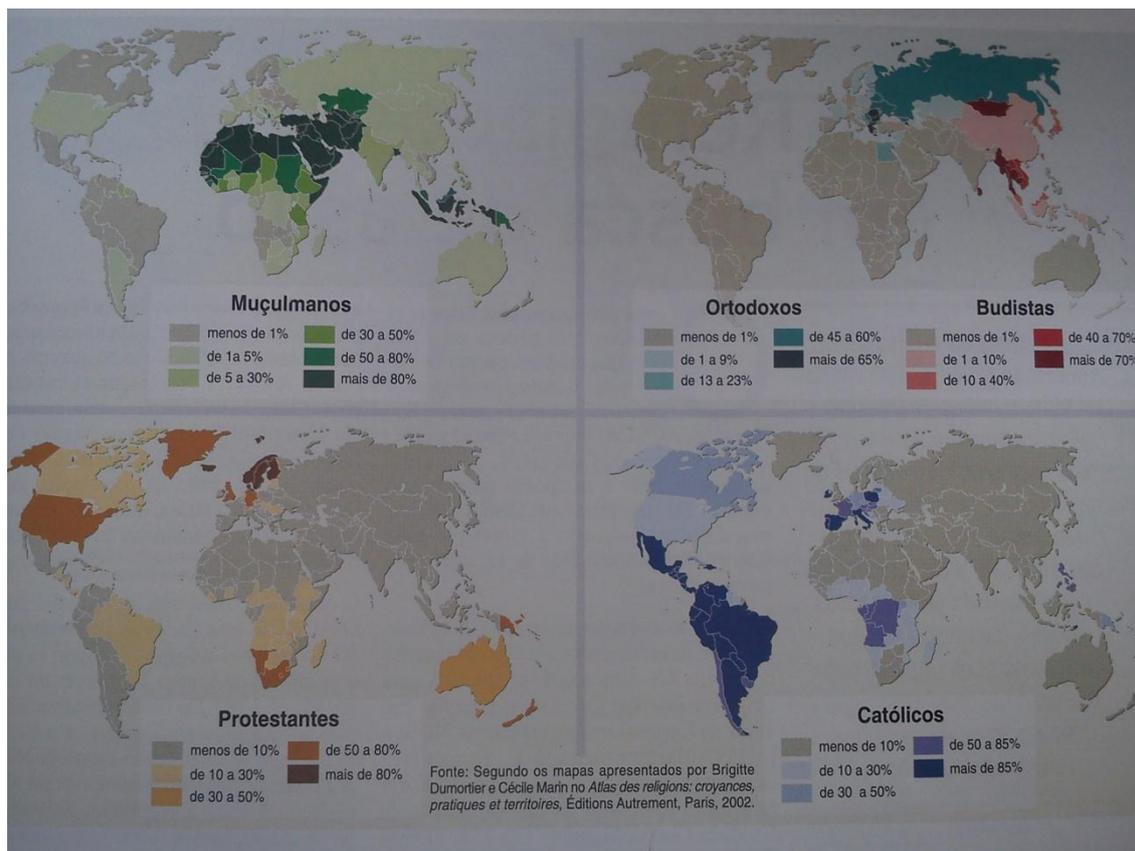


Figura 1 – Territórios religiosos

Fonte: Atlas da Globalização – Le Monde diplomatique

A uma escala maior, a nível nacional, podemos constatar como o número de cristãos tem um peso significativo no território português, consequência de toda a sua história e tradições.

À escala nacional os censos de 2001 permitem-nos verificar a distribuição espacial da população quanto à religião. O quadro da figura 2 divide-se pelas diferentes religiões da população na escala nacional, com destaque para a freguesia de estudo, a Sé Nova, no concelho de Coimbra.

Ao contabilizarmos o número de cristãos, teremos de somar católicos, protestantes e outras religiões cristãs. Mesmo a população que não respondeu e aquela que se diz sem religião, poderá estar incluída, corresponde aos chamados em transição, isto é, no momento em que responderam aos censos, referiram-se ao facto de terem recebido uma herança religiosa, ou adoptado uma outra que não os satisfaça. Poderão também, estar no processo de escolha de uma religião que satisfaça as suas necessidades espirituais. Devido

à mobilidade da população ser agora superior, verificamos que existe uma maior difusão de culturas e absorvência destas por parte da população autóctone, com reconstrução da sua identidade.

As novas estruturas da família, assim como as transformações urbanas, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e o aumento da escolarização modifica o mosaico territorial religioso, proporcionando aos que se encontram em processo de “transição religiosa” uma opção credível.

ZONA GEOGRÁFICA	Total	Populaçã o que não responde u	Religião							
			Católica	Ortodoxa	Protestant e	Outra Cristã	Judaica	Muçulman a	Outra não Cristã	Sem Religião
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Portugal	8 699 515	786 822	7 353 548	17 443	48 301	122 745	1 773	12 014	13 882	342 987
Continente	8 311 409	765 853	6 994 739	16 682	47 309	119 913	1 743	11 922	13 554	339 694
Norte	3 042 345	177 730	2 765 181	2 982	7 179	35 565	372	835	2 486	50 015
Centro	1 996 009	137 269	1 780 636	3 848	8 772	20 730	366	638	1 551	42 199
Lisboa	2 265 629	313 517	1 669 953	6 255	22 641	49 703	851	9 600	8 086	185 023
Alentejo	669 940	89 488	524 662	1 300	3 961	6 917	76	219	711	42 606
Algarve	337 486	47 849	254 307	2 297	4 756	6 998	78	630	720	19 851
R. Autónoma dos Açores	189 996	7 305	178 719	354	510	1 194	9	19	175	1 711
R. Autónoma da Madeira	198 110	13 664	180 090	407	482	1 638	21	73	153	1 582
CC:Coimbra	127922	13097	105212	171	1165	1671	28	74	149	6355
FR:Coimbra (Sé Nova)	7442	997	5575	5	41	74	1	4	17	728

Figura 2 - Dados retirados do INE em relação à distribuição espacial da religião em Portugal.

Com os dados do INE apresentados na Figura 2 podemos dar relevo à população que não responde a esta temática, ter em atenção a que se define enquanto católica, que representa a maioria da população, sobretudo em Coimbra. De salientar, também o número significativo de pessoas que se dizem sem religião, que ultrapassa o somatório do número de crentes das restantes religiões.

b) A dinâmica religiosa e os processos de difusão no mundo recente e no mais antigo

As tecnologias têm acelerado a difusão das religiões, usando a internet como um veículo rápido para dar a conhecer a mensagem de cada uma. No entanto, só a Web não satisfaz o indivíduo. Este tem necessidade de um contacto pessoal com a entidade religiosa, através do uso e partilha do espaço sagrado com as pessoas que comungam a mesma fé, de modo a interagir na sociabilização religiosa. A internet pode ser o primeiro meio de difusão, e manter também o elo de ligação dos indivíduos, quando estes têm dificuldades de acesso ao lugar religioso, quer pela distância ou por barreiras psicológicas, quer pela adopção de uma nova religião diferente da sociedade em que está inserida (família, trabalho e amigos). Podemos afirmar a existência de descontinuidade espacial quanto aos cibernautas religiosos.

Para Paul Claval (2006), a difusão mais rápida é feita com recurso à área visual, como a publicidade. Por isso a TV tem sido outro meio de difusão religiosa levando instituições a comprarem espaços de tempo nos média.

Utilizando a tecnologia a um ponto tal que se torna uma conquista muito dispersa, torna-se difícil a contabilização da difusão religiosa no espaço e no tempo. Por exemplo, os indivíduos que utilizam a internet para assistir às emissões de programas religiosos e não frequentam uma igreja. O facto da quebra da sociabilização com a comunidade religiosa pode tornar difícil o elo destes por um maior período de tempo. Os seres humanos sempre viveram em comunidade com a religião, sempre tiveram necessidade de, em grupo, participar em ritualidades (no caso da Igreja Católica em procissões ou em peregrinações). Contudo, encontramos-nos numa geração individualista e como consequência, as Igrejas podem ficar mais vazias e pode ocorrer um maior número de indivíduos a assistir a programas religiosos na Web, TV ou rádio. Este factor acaba por trazer novas questões, que não se pensam ser apenas sociológicas, mas que de uma forma indirecta irão marcar o território. Ao assistir a programa religioso online, o indivíduo acaba por não participar e por não viver o espaço sagrado. Contudo a sua cultura conduz ao sincretismo e o

facto de não participar com as suas ofertas e dízimos provoca dificuldades de sustentabilização nas Igrejas. Num futuro próximo, novas estratégias terão de ser criadas para que a difusão de crentes tenha um desenvolvimento sustentável. Por este motivo, as páginas online reservam um espaço para donativos, o que movimenta o dinheiro num mercado global.

Se as tecnologias tiveram um papel importante nos transportes, o que levou à mobilidade mais intensa na actualidade, com consequências a nível da qualidade/preço/distância. As tecnologias estiveram ainda na origem da compressão espaço-tempo, afectando assim a religião. O avião, o comboio e o automóvel contribuíram para uma aceleração da difusão cultural e religiosa. Utilizando os transportes em favor da religião, esta consegue estar presente de uma forma dinâmica em todo o globo.

Os sistemas de transportes organizados permitem sustentar o crescimento do turismo religioso e, assim, promover as indústrias que se enquadram neste segmento de negócio. São criadas redes sincrónicas num território de multiterritorialidade, que possibilitam vivências em cada ponto de conexão dos circuitos. As mobilidades numa compressão do espaço-tempo, levam a um encurtamento de distâncias que se vai reflectir na elaboração de mapas com percursos mais acessíveis para as peregrinações religiosas.

A religião produz apropriações simbólicas no espaço geográfico e, ao deixar marca na paisagem, como os santuários, acaba por alterar o quotidiano e os valores das comunidades locais. Os espaços são construídos em rede com movimentações (nós, vértices e centros). Retrocedendo no tempo, os Profetas participaram no processo de difusão, traçando percursos, com partidas e chegadas. A difusão da religião leva à convergência de populações em certos lugares como Fátima, Lourdes, Meca e Santiago de Compostela.

A difusão é representada por alguns modelos, entre os quais se encontra o difusionismo heliocêntrico, segundo a qual a difusão acontece a partir de apenas um ponto de origem.

Estas difusões podem dar origem à sua expansão por:

- Contágio

- Hierarquia

Observando a figura 3a, podemos relacionar a evolução nela representada com a de Adão até ser formada uma nação. No exemplo b, percebemos o caso da população Israelita que saiu de vários países rumo à nova criação de Estado: Israel.

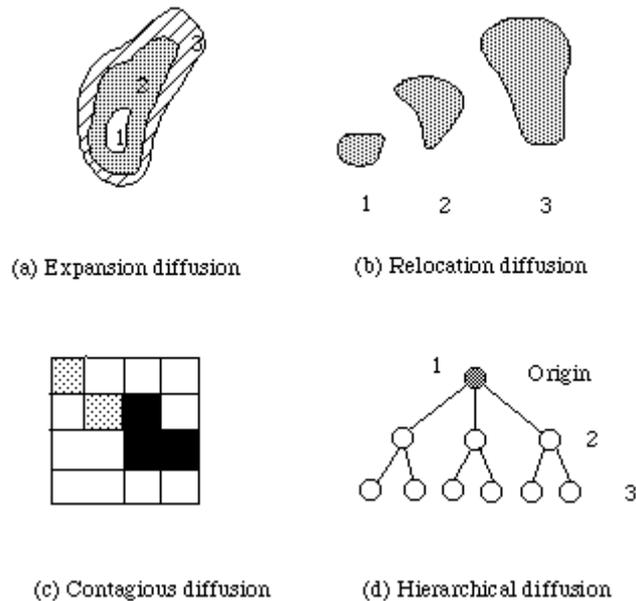


Figura 3

Fonte: Cliff et al. 1981

As inovações são factores de difusão espacial acelerando o valor no seu crescimento e diminuindo quanto à resistência encontrada.

O poder político pode no entanto levar a aspectos positivos e negativos em processos de difusão. O controlo do acesso à informação limitará os cidadãos.

As diásporas são redes culturais ou religiosas interligadas que se fazem normalmente em massa motivadas por causas naturais ou outras de força maior. Nelas constrói-se uma hierarquia selectiva, que se identifica como um grande número de população que se desloca para um local de acolhimento. As migrações levam as suas “diferenças” para outros territórios.

Desde sempre o povo hebreu esteve ligado a diásporas. No início com o exílio em Babilônia, no século VI a.C., mais tarde, com a destruição de Jerusalém em 135 d.C.. A sua identidade cultural foi sempre diferente da do povo local. Foram várias as formas de difusão dessa identidade cultural e religiosa; quer através do uso de rolos escritos, quer através da oralidade em praças públicas, em igrejas ou em casa de cristãos.

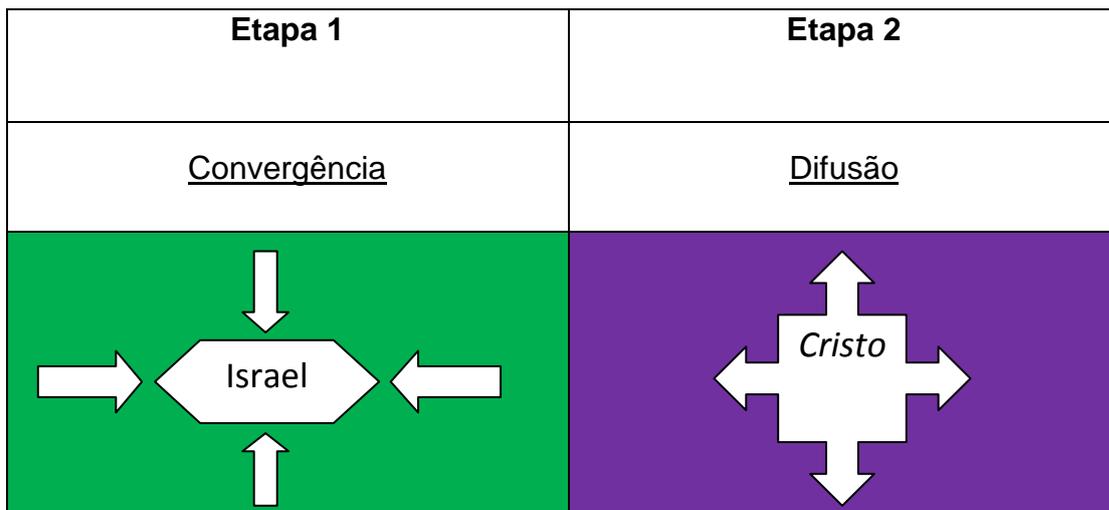


Figura 4 - Esquema das duas etapas, antes e depois de Cristo.

Por ocasião da formação do Estado de Israel ocorreu uma convergência do povo judaico de diversas proveniências. Por outro lado com a vinda de Cristo houve uma difusão dos seus seguidores.

1.3 Geografia e religião, das pequenas às grandes escalas

A paisagem religiosa a várias escalas: a religião como condicionante e reguladora do espaço

A religião é um tema muito complexo, com inúmeros factos históricos e políticos, com influência nas economias e nas sociedades. Modela espaços com os seus lugares sagrados, transformando paisagens ao longo dos tempos. Umhas vezes ampliando o seu domínio, outras vezes minimizando o seu espaço entretanto conquistado. O espaço em constante mudança, umas vezes mais lenta outras mais rápida, vai sendo alterado conforme a Natureza, mas muito pela conveniência do ser humano. O espaço torna-se humanizado. O ser humano vai construindo lugares consoante as suas idealizações, que as encontra na sua origem, nas suas vivências, numa necessidade de as perpetuar na memória dos seus descendentes. O poder que domina o ser humano vai servindo de alavanca para levar projectos mais acerbados, de grande impacto e opulência. A História mostra as grandes construções que estão associadas a vastos impérios, que conquistavam e deformavam a cultura existente dos povos invadidos. A conversão da religião, imposta muitas vezes por reis e imperadores, levou à construção de lugares únicos de adoração que ficaram marcados no espaço. Muitos já desapareceram e a arqueologia tenta comprovar a sua existência passada. Outros lugares ainda perduram, com o mesmo ou outro simbolismo, entretanto já alterado. Outros ainda têm um renascer de identidade, através da recriação de ambientes ancestrais e retornando-se a formas de adoração do passado. Com o mesmo ritual, cores, cheiros, músicas e trajés.

Os lugares de adoração religiosa têm vindo a ser adaptados à sociedade sofrendo transformações nos espaços sagrados, implicando não só diferentes mudanças nos rituais, nas matérias que os constroem, mas também diferenças nos sacrifícios de adoração.

Para uma melhor compreensão das várias etapas dos lugares de adoração, é necessário recorrermos à História e à Arqueologia, que no-las levam a conhecer a diferentes escalas, da macro à micro. O cristianismo

começa com o altar, seguindo-se o tabernáculo e finalmente o templo. Após o impacto do seu nascimento, é a morte de Cristo que se difunde no sincretismo das religiões existentes na época, com gregos e romanos.

É razoável que tenha sido edificado o primeiro altar com Caim e Abel, filhos de Adão e Eva, as primeiras personagens bíblicas. Na Arca de Noé deve ter sido construído um espaço para adoração, enquanto durou a época diluviana. Mas Deus ordenou a construção do primeiro altar após o dilúvio. Mais tarde, como se vê na figura 5, foi construído outro altar por Abraão (cujo percurso se pode observar na Figura 6) na colina de Moriá, onde foi edificado o Templo de Jerusalém que data da época entre 2000 a 1500 a.C. na Mesopotâmia, hoje ocupada pela Síria e pelo Iraque. Abraão considerado o pai do povo de Deus, acaba por estar ligado à origem das três grandes religiões monoteístas: O Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo.



Figura 5 - Altar de Abraão

Fonte: <http://noscaminhosantigos.blogspot.com>

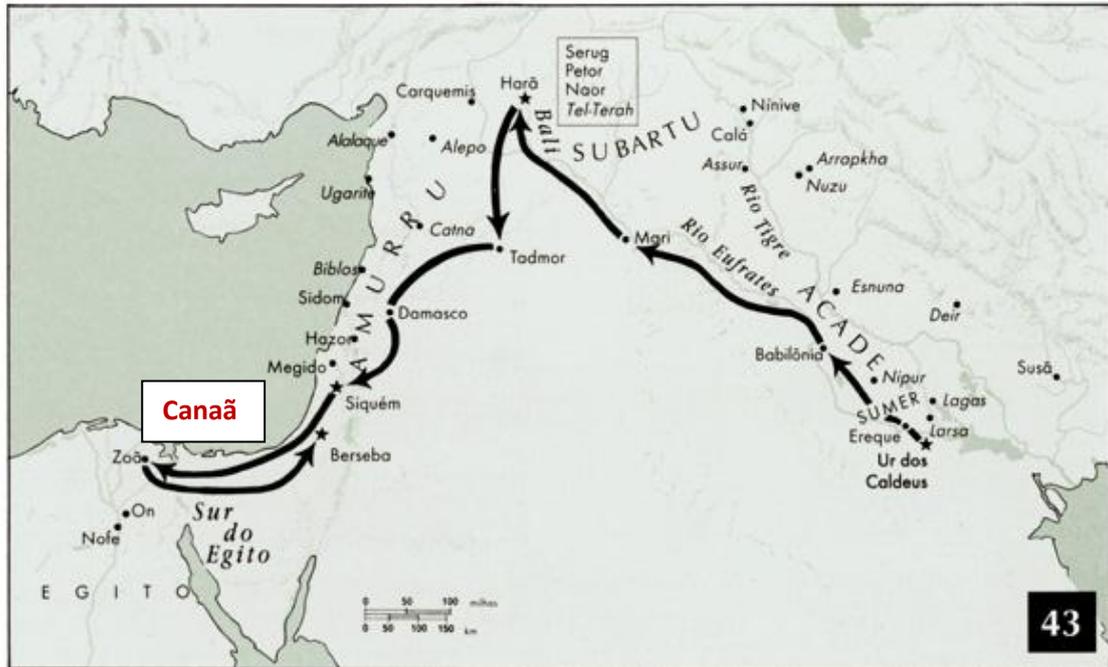


Figura 6 - Mapa representativo da migração de Abraão desde Ur, terra natal, até à Terra Prometida Canaã

Fonte: <http://geografia-biblica.blogspot.com/2010/05/viagens-de-abraao.html>

O altar é edificado no espaço, para que os seres humanos tenham um contacto mais íntimo com Deus, de modo a que o relacionamento seja fortalecido. O povo de Israel, sendo nómada, nas suas deslocações, tinha como prioridade a construção do altar quando chegava a um novo local, só posteriormente montando o acampamento. Deus sempre ordenou a construção de altares, que era feita em lugares altos, com pedras, onde se sacrificavam animais, como forma de simbolicamente anular os pecados do povo. Quando foi construído o templo, foram edificados dois, um para incenso e outro de holocausto.

Tendo a Bíblia como fonte histórica de territórios religiosos, os altares representam a forma mais antiga de adoração assim como a necessidade de sacrifício pelo pecado. A humanidade sempre necessitou de guardar na sua memória, seja com práticas rituais ou através da simbologia, uma ligação com o Divino, para que, no futuro fossem garantidos, a mesma ideologia e os mesmos valores. Na Mesquita de Omar em Jerusalém (Figura 7), encontra-se uma rocha sagrada, que consta ser um altar do tempo de Abraão, onde foram realizados os primeiros sacrifícios. Este lugar credibiliza-se com a afirmação da

A Igreja Adventista do Sétimo Dia numa perspectiva de difusão geográfica

sua historicidade. Hoje com múltiplas funcionalidades, a nível religioso, turístico, arquitectónico e histórico, não deixa de lembrar a génese do espaço sagrado dum povo com várias tribos.



Figura 7 - Mesquita de Omar

Fonte: <http://www.arquiteturaearte.com.br/estilosarquitectonicos.html>

A estrutura do espaço sagrado é mudada com Moisés. Este recebeu ordens divinas para a construção de um lugar sagrado de adoração e sacrifício, quando estava com o seu povo no deserto, à qual deu o nome de tabernáculo, cuja reprodução figura abaixo.

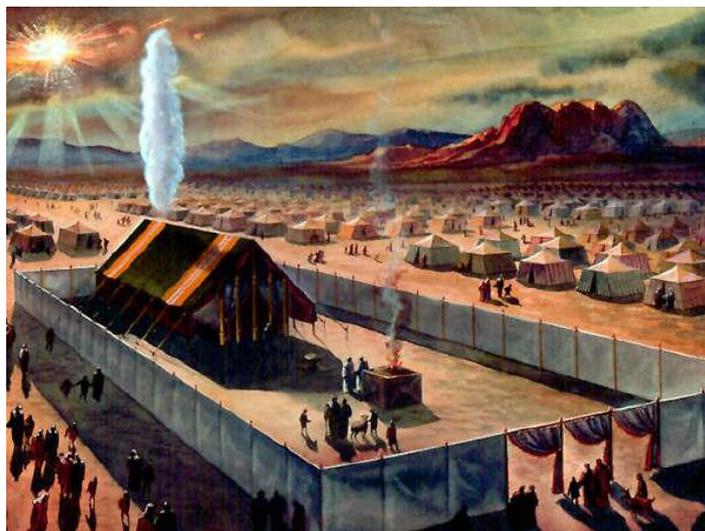


Figura 8 - Tabernáculo

Fonte: <http://bibliotecabiblica.blogspot.com/2010/11/parabola-do-tabernaculo.html>

No deserto, os efectivos demográficos, como descreve a Bíblia em Êxodo 12; 37, eram avultados (havia seiscentos mil homens, que eram os únicos a ser contabilizados, se quisermos chegar a um número aproximado do total de pessoas teremos de calcular um número proporcional de mulheres e ter em vista os padrões sociais da altura no que respeita a média de crianças por casal). Este facto levou à necessidade de adopção de novas estratégias no planeamento para adoração. Deus transmitiu a Moisés as dimensões do Santuário (Êxodo 25; 8-9), sendo este dividido em duas partes: Lugar Santo e Lugar Santíssimo. Também foi ordenada a construção de símbolos como a arca da aliança, o tabernáculo e diversas peças. O santuário portátil tinha 50 metros de comprimento e 25 metros de largura. No centro, colocava-se o Tabernáculo que se dividia em dois compartimentos: Lugar Santo e Lugar Santíssimo (cujas características podem ser observadas no esquema da Figura 9). A presença de Deus manifestava-se no Lugar Santíssimo, na arca da Aliança que continha as placas da Lei que O representavam. No Lugar Santo estavam o altar de incenso, o candelabro e a mesa dos pães. Estes dois lugares eram divididos apenas por fino linho. No átrio existiam um altar para holocausto e uma bacia de bronze, para as cerimónias de purificação.



Figura 9 - Esquema da divisão dos Lugares Santo e Santíssimo

Partindo da Bíblia como obra de representação de territórios religiosos verificamos como os lugares apresentam funções distintas nas suas práticas de ritualidades, também distinguiam as pessoas que os poderiam utilizar conforme

a sua santidade ou, no caso do povo, conforme o pecado. Tinham como objectivo uma relação íntima dos seres humanos com Deus. As cerimónias e ritualidades consistiam numa permanente ligação ao Divino. O simbolismo das peças mandadas construir com matérias que representavam o poder, como o caso do ouro na construção da arca da Lei, do altar de incenso e do candelabro, tinha cada uma o seu propósito. Até as pedras preciosas aplicadas no traje, usado pelo Sumo-sacerdote, eram representativas o azul simbolizava a perfeição com Deus, o carmesim significava o pecado e a púrpura representava a misericórdia divina.

Após a peregrinação do Egito à Terra Prometida, o povo fixou-se num lugar e sentiu o desejo de ter um espaço para adoração. Foi do Rei David a ideia do templo e o Rei Salomão ordenou a sua construção que sujeita a diversas adversidades, perdurou cerca de 1000 anos. O templo foi construído em cotas mais elevadas e a sua entrada é virada para o sol nascente. Em frente ao templo foi construída uma grande bacia, onde os sacerdotes se purificavam, e ainda mais dez bacias para lavagem de oferendas. Mesmo defronte ao templo, encontrava-se o altar dos holocaustos. O templo também era dividido em Lugar Santo (com candelabros e altares de ouro de incenso e a mesa dos pães) e Lugar Santíssimo (só era permitida a entrada do Sumo-sacerdote uma vez por ano no lugar das Tábuas da Lei).

A música e os instrumentos musicais (címbalos, harpas e trombetas) faziam parte das cerimónias de adoração.

Herodes reconstruiu o Templo de Salomão, aumentando a sua área de construção e aumentando também em altura, do que nos resta hoje do Muro das Lamentações.

O templo de Herodes em Jerusalém foi terminado no ano 64 d.C., com subdivisão de átrios: destinado às mulheres, ao povo de Israel, aos gentios e outro aos sacerdotes. Vários espaços foram construídos no próprio Templo para uma melhor organização e controlo da população. Devido às suas diversas culturas, tinham várias formas de comportamentos, de trajes, de dialectos que os diferenciavam. Todo este planeamento mostra a importância de Herodes, a grandeza de tal planificação e a organização no espaço.

A necessidade dos diferentes grupos de se organizarem em áreas distintas, perde a razão na nova era Cristã. Apenas os Judeus tinham permissão para estar mais próximos do Lugar Santíssimo, no entanto é Cristo, por altura da sua morte, que rompe esta união no mesmo templo, simbolicamente rasgando o véu que separava o Lugar Santo do Santíssimo. Entretanto surge a divisão de Judeus e Cristãos, o que leva à necessidade de outro tipo de estrutura no espaço de adoração agora cristão.

A humanização da paisagem em Jerusalém, manteve os mesmos aspectos culturais e religiosos como pólo de atracção ao seu desenvolvimento económico, até à actualidade, com um turismo religioso, conservando os aspectos históricos e arqueológicos mais marcantes da região.

O Lugar Santíssimo, usado uma vez por ano pelo Sumo-sacerdote, passa a não ter significado após Cristo. Até aqui havia uma concentração do povo de Israel, mas, é com os apóstolos que se verifica a difusão do Cristianismo.

A civilização grega construía a Acrópole, onde estavam edificados os principais serviços públicos e religiosos. Mas, na área mais elevada da cidade, era construída a casa do deus da cidade, onde se encontrava uma grande estátua de Parténon. O maior templo da Acrópole, em Atenas, foi construído em meados do século V a.C.

Os fóruns romanos eram o espaço onde as pessoas se reuniam para trocas comerciais, espaço esse aberto, nos centros das cidades e rodeado pelos templos e edifícios públicos principais.

Cada período da História deixou marcado um estilo de ordenamento da cidade em relação ao posicionamento do edifício sagrado. Nestas mudanças adoptaram-se técnicas e materiais diferentes nas suas construções, reflectindo o gosto e a moda da época. Alguns templos foram construídos com cimentos, outros utilizaram materiais locais, como tijolos feitos de argila, madeira ou pedra e até mesmo de gelo.

Em Conímbriga ainda encontramos vestígios de uma territorialidade religiosa romana. Devido às descobertas arqueológicas no local, conhecemos a religião dessa época. Por exemplo, as dimensões do baptistério, revelam-nos o diferente conceito da altura em relação ao baptismo. Eles ainda baptizavam por imersão, pois ao ser mergulhado nas águas representava-se um simbolismo de lavar os pecados para uma nova vida. Hoje ainda são encontradas pinturas, pavimentos, mosaicos e igrejas com esta característica dos primeiros dez a catorze séculos. Mais tarde a Igreja Adventista, foi buscar este fundamento, como parte da sua doutrina.

Na basílica paleocristã descoberta em Conímbriga, também se verifica que a capela-mor tem uma planta cruciforme, como se observa na Figura 10.

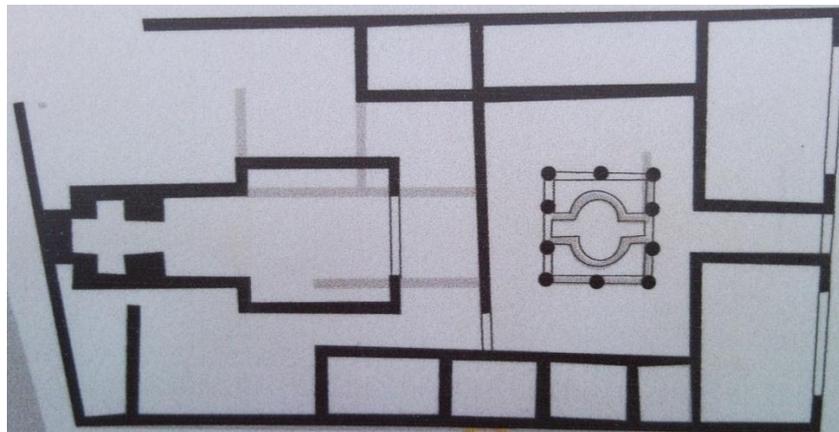


Figura 10 - Planta de uma Igreja Cristã Primitiva em Conímbriga

Nas escavações foi encontrado um fórum com um templo no centro a dominar a praça. O fórum era o centro das artérias principais. Era também onde se concentrava o poder, a magistratura, a religião e o comércio. No caso do fórum de Conímbriga, observável através de uma representação, nas Figuras 11 e 12, tinha nove lojas com o melhor comércio e ficava do lado oeste do pórtico. O crescimento desta cidade levou à construção de uma basílica de duas naves destinada aos imperadores, que passou mais tarde a dar lugar a uma outra de três naves e uma cúria. No entanto, os romanos também tinham uma ligação a divindades ligadas à natureza: Liber Pater -protector da vinha; Apolo símbolo da harmonia física e moral; Marte deus da agricultura e da guerra; Fortuna divindade do destino; Minerva deusa da arte e ofício, da guerra

e da política. Os romanos tinham também alguns deuses locais como Remetes ou Aius Rogatus, que protegiam um balneário público.

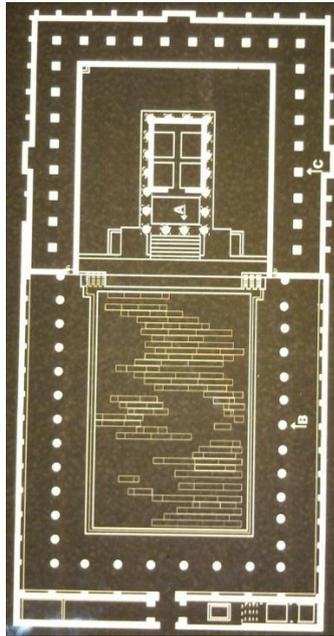


Figura 11 e 12 - Planta e maquete do Fórum de Conímbriga

Desta maneira, surgem novos territórios religiosos com novas identidades, em que a imposição do novo deus não implicava o abandono do originário do local, acabando por sofrer de *sincretismo* e em vez de duas religiões, passam a surgir três ou mais.

No caso da América Latina, houve uma parte da população que sofreu um processo de cristianização, enquanto outra parte não abdicou das suas crenças religiosas de origem, o que levou a uma pluralidade religiosa. É desta forma que os espaços se vão subdividindo, apresentando um *degradé* identificativo da religião.

Em território português, existem alguns fenómenos em espaços religiosos, nos quais a população utiliza práticas de magia negra. Existe uma ligação da Divindade com a Magia e o Mal. Tanto são celebradas cerimónias em adoração a Cristo como, no seu espaço exterior, muitas pessoas levam a cabo práticas pagãs com aves e outros elementos que constituem ritualidades de magia. Em Miramar, a Capela do Senhor da Pedra, junto ao mar, festeja vários tipos de rituais, sendo um exemplo de como o mesmo espaço é usado para o Bem e para o Mal, tornando-se multifuncional. O mar e a rocha, são

elementos naturalistas que poderão estar na origem desta capela com uma dualidade ligada à natureza.

Ainda em Portugal, na Beira Interior Norte, encontra-se edificado na parte mais elevada do planalto, a 885m de altitude, o Castelo de Trancoso, que revela marcas da existência de conflitos religiosos entre cristãos e muçulmanos, na luta por um controlo fronteiriço entre os séculos IX-XII. Os achados arqueológicos de cerâmicas locais de cristãos e de cerâmicas vidradas de influência islâmica, testemunham o domínio alternado destes povos.

Segundo Rosendahl, (1999, p. 13), “o sagrado aparece como elemento de produção do espaço”, o que nos permite visualizar através dos tempos, as vivências de um determinado povo num espaço em relação ao sagrado e suas influências culturais, sociais, paisagistas e económicas, que são sempre dinâmicas.

Com a diáspora judaica nos anos 70, um dos destinos foi a Hispânia, pelo que o território português também foi marcado pela presença judaica. Em Belmonte encontram-se vestígios que testemunham a existência de uma sinagoga da Idade Média. No caso português esta comunidade religiosa teve uma evolução diacrónica dividindo-se em duas etapas a edificação das suas sinagogas. Uma na época medieval, a outra na actual.

<u>Sinagogas no território Português</u>	
<i>Época Medieval</i>	<i>Época Actual</i>
Moncorvo	Lisboa
Guimarães	Faro
Porto (2)	
Montemor	
Belmonte	
Tomar	
Santarém	
Castelo de Vide	
Lisboa (2)	

Figura 13 - Tabela das diversas Sinagogas em Portugal

A fé é difícil de quantificar. No caso do Cristianismo contemporâneo, uma evangelização mais intensa exige uma afirmação estratégica bem estruturada devido à competitividade entre fiéis de outras práticas, ou mesmo daqueles que se encontram num estado de transição.

Na actualidade, os territórios são difíceis de demarcar no que diz respeito às suas religiões. A demografia religiosa é difícil de quantificar no espaço e no tempo, numa sociedade em modificação constante, devido à fácil mobilidade, consequência do desenvolvimento dos transportes e de uma sociedade globalizada, que levou a uma mistura de credos e religiões tornando-se difícil o estudo da religião no espaço. O facto de a Europa Ocidental ser receptora de uma percentagem elevada de imigração africana, latino-americana e mesmo da Europa de Leste, leva ao cruzamento de culturas, não lhe sendo alheio o factor religioso. Por isso ainda há muito trabalho a ser desenvolvido na área da Geografia. Muitos assuntos ligados a esta temática ainda estão por explorar. Podemos afirmar que a Europa, sendo constituída por Estados laicos, não atribui um papel fundamental à Religião. No entanto a Igreja aparece representada em diversas cerimónias estatais, o que de certo modo ainda denuncia uma ligação da política com a religião e mesmo

com a economia. Mesmo as paisagens culturais europeias estão muito marcadas pela religião.

Se nos referirmos apenas ao aspecto migratório dentro de Portugal, e uma vez que se tem verificado a centralização da população nas áreas metropolitanas, estas tornam-se então mais ricas em termos de multiculturalidade religiosa.

O processo de mudança religiosa parece fortemente interligado com processos de migração populacional, o que eventualmente pode ser associada a questões como mudança de identidade ou perda do sentimento de pertença a grupos específicos, o que também pode ser visto este impacto, noutras instituições sociais, como a família, que passa a conviver com novo rearranjo a partir das transformações decorrentes da urbanização, como a inserção das mulheres no mercado de trabalho e o aumento da escolarização.

Fernando Rafael Ferro Lima (2009)

Se analisarmos um lugar e nesse espaço confinado, um ponto fixo, podemos considerar um espaço sagrado, como uma igreja cristã.

Se nos referirmos a uma igreja católica, nesse lugar, podemos encontrar diferentes espaços incluídos. Caso da pia baptismal, do confessionário, da sacristia, do altar, do espaço central para os crentes. Cada espaço é produzido para um fim específico e nele são vividos momentos distintos na vida de um indivíduo que poderá ser ou não cristão. Eles têm graus diferentes de santidade e cada um é usado pelos seus diferentes actores espaciais. Podemos imaginar um turista que entra na igreja apenas para contemplar toda a arquitectura e trabalho artístico. Mas um devoto fervoroso, acredita na expiação dos pecados pelo sacerdote e no confessionário, um espaço muito íntimo e resguardado, deixa todo o seu pensar e sentir. Os lugares sentados são para todos os crentes, para quem visita como turista, ou para crentes de outra confissão religiosa que participam numa cerimónia religiosa enquanto acto social, como sejam: celebração de um casamento, celebração de um baptizado ou um funeral, mas pode ser usado para meditação de qualquer

indivíduo. No entanto certos espaços religiosos também são abertos a quaisquer eventos culturais.

No caso das religiões contemporâneas cristã como a Igreja Adventista, foi analisado o espaço e verificou-se que não existe hierarquia em todo o templo. O Púlpito, é o lugar de onde é dirigida a pregação, que pode ser feita pelo/a pastor/a ou um convidado/a, que desenvolve um tema escolhido. Não se verifica a peregrinação a um local simbólico no sagrado, mas existem encontros da congregação em espaços públicos que são arrendados para acolher este tipo de eventos. Assim, temos uma nova geografia do simbólico, mais difusa, mais dispersa, mais flexível.

As motivações das idas aos lugares religiosos são distintas e, como tal, o comportamento das práticas religiosas no espaço sagrado reflectem essa consequente diferenciação. O calendário não tem periodicidade de festas religiosas com convergência de fiéis. O fenómeno geográfico deste grupo de cristãos gira em torno das suas deslocações semanais ao sábado à igreja (a), anuais no caso de algum congresso (b), acampamentos (c), encontros temáticos; saúde, educação, famílias, profissionais, etc. (d). As deslocações nem sempre são em direcção à igreja, mas são considerados espaços sagrados, aqueles em que se verificam a adoração e transmissão da mensagem de Deus. Os meios de transporte utilizados no território nacional dependem do local em que se encontra a igreja. Nas ilhas pode ser usado o avião ou o barco. Noutros casos, verifica-se que os trajectos são feitos de comboio, metro, autocarro e de automóvel, ou seja, transportes terrestres. É o sector terciário fundamental que apoia todo o desenvolvimento na difusão das religiões, como na convergência aos lugares.

Reportando de novo à Igreja Adventista, não se verifica o comércio de objectos ou imagens, por não se utilizar este tipo de práticas. No sábado não ocorre qualquer tipo de actividade comercial, a não ser depois do pôr-do-sol. Ou seja, os locais de comércio que existem à volta das igrejas, não têm qualquer vantagem lucrativa com esta religião, pois o dia com mais actividades religiosas é o dia do sábado.

Zeny Rosendhal (2009), distingue os comerciantes fixos dos ambulantes. Os fixos encontram-se em edifícios permanentes, próximos dos lugares sagrados e os ambulantes armam as suas vendas aos fins-de-semana, ao redor do comércio fixo. O caso de Igreja de Santo António dos Olivais, que se encontra no cume da colina, dá razão a Rosendhal. Ao fim de semana aparecem os vendedores de arrufadas e de flores, devido à proximidade do cemitério. No entanto, outras feiras são realizadas como a conhecida Feira do Espírito Santo que tem vindo a sofrer alterações de localização, devido ao crescimento e urbanização da cidade. Nas épocas festivas, o espaço profano revela mais afluência de visitantes, que se dividem entre os que só frequentam o espaço da romaria e os que vão até ao espaço sagrado.

Hoje, a religião é apresentada em espaços seculares, tendo bustos orientais na entrada de lojas comerciais, como a marca Ritual de produtos de cosmética. São frequentes os espaços culturais que apresentam poesia e música contemporânea inspirada na Bíblia, como o Museu do Oriente, que promove cursos que abordam a religião não como aspecto estético (pintura, música, arquitectura), mas como leitura independente de alguma ligação pessoal ao religioso.

São lugares que têm um espaço limitado e bem definido, aos quais podem afluir uma convergência de peregrinos ou irradiar uma difusão de ideias, de pessoas inerentes a esta prática. Podem estes lugares ser constituídos por massas ou apenas algumas pessoas que aí se dirigem.

Os espaços religiosos poderão ser circunscritos, mas num período de tempo podem englobar uma série de manifestações religiosas ou apoiarem a logística destas práticas. Como exemplo, sublinho o caso mais relevante de Fátima. Podemos referir o Santuário de Fátima (Lugar), mas também todo o espaço de que fazem parte os serviços religiosos que dão apoio, como as casas religiosas, as livrarias e lojas de vendas de artesanato ou objectos com a recordação da imagem de Fátima, dos hotéis, restaurantes, dos vários locais de interesse turístico. Este espaço pode ser representado pela comunidade católica, pela sociedade que lhe está vinculada e a difusão pode ser feita com

objectos com a marca de Fátima, mas também existe um turismo religioso organizado em rede.

A Geografia da Religião tem uma dimensão de tal modo vasta, que incorpora o simbolismo do culto, as cores e os sons sagrados, as orientações e posições tanto do espaço sagrado como do crente, não esquecendo as contribuições da tolerância para a dispersão religiosa. Cada religioso passa a ser portador de “*espiritopofilia*”, ou seja, tem um ponto fixo do qual tem um sentimento e se desloca para adoração ao seu Deus. Segundo Yi-Fu Tuan (1980), geógrafo humanista, existe uma relação entre a espacialidade e as emoções cognitivas (fenomenologia). Este autor utiliza os termos topofilia e topofobia, dois conceitos que definem o sentimento, o elo afectivo das pessoas por um lugar, relacionando os valores, as atitudes, as percepções. A topofilia pode ser a nossa morada ou a rua que nos liga ao lugar, com sentimentos de afectividade, segurança, coragem ou liberdade. Um exemplo de topofilia é a adoração que algumas pessoas nutrem por Fátima. Já topofobia representa a insegurança, o medo de um lugar que nos mantém prisioneiros.

Para os crentes Adventistas do Sétimo Dia, o espaço sagrado é uma área onde o indivíduo tem conhecimento da presença de Deus, mas não possui um vínculo afectivo a um território. A motivação que leva à convergência dos crentes a lugares sagrados é de agradecimento, adoração e necessidade de melhor conhecer o caminho a trilhar em direcção à santificação pessoal.

Capítulo II

Territórios da Difusão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

2.1. A Igreja Adventista – breve apresentação

Não querendo reportar-me ao estudo teológico da Igreja Adventista mas ao conhecimento da hierarquia e da difusão territorial desta igreja no mundo, e especificamente, em Portugal, não posso deixar de proceder a um enquadramento histórico desde a sua origem até ao surgimento desta no nosso país, que é o foco desta análise: Região Centro Eclesiástica (uma das divisões territoriais da igreja).

Após o desapontamento de vários membros das Igrejas Baptistas, Metodistas e Pentecostais que acreditavam na vinda de Jesus em 1844, surgiram grupos de pessoas motivadas a estudar a Bíblia e a encontrar uma nova esperança. Entre estes emergiram os Adventistas que defendiam novas doutrinas como a guarda do Sábado, a não imortalidade da alma, a importância da temperança, abstendo-se de álcool, tabaco, seguindo um estilo de vida saudável e um baptismo por imersão.

É em 1863 que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é assim designada e surge enquanto denominação organizada. Neste ano já contava com 3.500 membros e 125 congregações (igrejas e grupos).

Com a missão de levar o evangelho começa a difusão da Igreja a nível mundial, e de acordo com o que está escrito em Apocalipse 10:11 “ Importa que profetizes, outra vez, a muitos povos, e nações e línguas e reis.”.

A 15 de Setembro de 1874, J.N.Andrews partiu para a Suíça e na cidade da Basileia, criou a sede europeia. É deste ponto que se irradia a mensagem na Europa com vários destinos: Inglaterra, Escócia, Irlanda, Noruega, Suécia, Dinamarca, Holanda, Alemanha, Itália e Egipto.

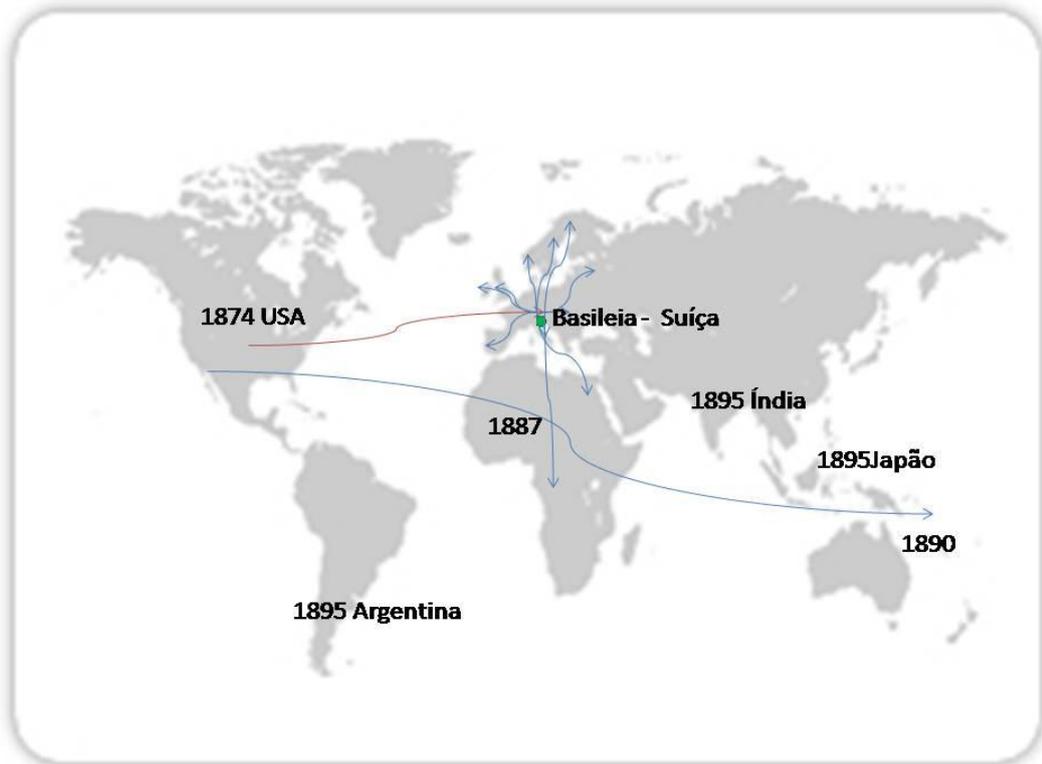


Figura 14- Mapa

A 1887 são enviados missionários para África. Em 1890 sai de S. Francisco um navio para as ilhas do Pacífico Sul. É em 1895 que chegam missionários à Índia, Argentina e Japão.

Segundo E. FERREIRA (pag.35) “ Em cumprimento do mandato evangélico, Stephen N. Haskell, por ordem da Conferencia Geral fez, em 1889-1890, uma viagem de prospecção missionária ao redor do globo, durante a qual teve ocasião de visitar a Europa Ocidental, África do Sul, Índia, China, Japão e Austrália.” Durante a sua prospecção no terreno, para a afirmação estratégica evangelística passa por Lisboa a 21 de Julho de 1889 e deixa escrito que: “Os Portugueses são notados pela polidez. É concedida a todos a maior liberdade, de todas as partes, para expressarem os seus sentimentos nos jornais e em discursos públicos, tanto sobre assuntos políticos como sobre temas religiosos. Os Ingleses têm casas em todo lado... e também abrem portas para o avanço de diferentes ideias sobre religião... têm ido à nossa frente, abrindo caminho para o conhecimento que a verdade vá a cada nação, língua e povo”. FERREIRA, E. (pag.35, 36).

O crescimento da Igreja num território mais alargado levou à sua reorganização administrativa de modo que se fragmentou a divisão europeia em diferentes grupos visível na Figura 15:

1. Divisão Norte Europeia: União Escandinava, União Báltica, União Polaca.
2. Divisão Central Europeia: União Alemã do Leste, União Alemã do Oeste, União Alemã do Centro, União Húngara, União Checoslovaca, Missão Búlgara e Missão Grega.
3. Divisão Sul Europeia: União Suíça, União Franco Belga, União Italiana, União Ibérica, União Norte de África e Missão das Ilhas Maurícias.
4. Divisão Rússia: Diversas Uniões da Rússia.

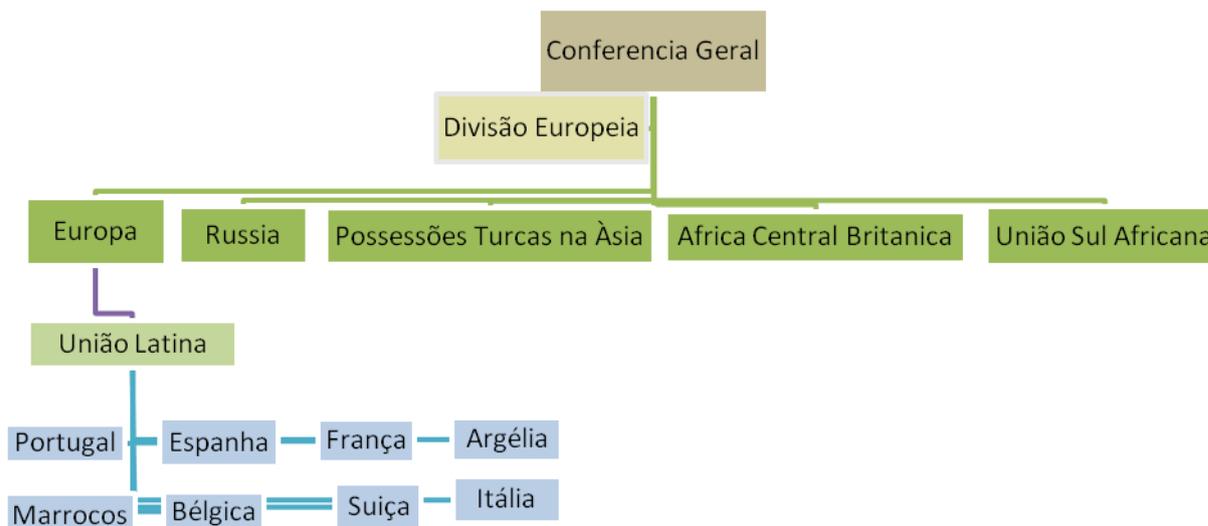


Figura 15 - Organograma Hierárquico da Divisão Territorial da Igreja Adventista em 1902

No ano de 1927 a Missão Portuguesa, passa a pertencer à União Ibérica. Em Janeiro de 1940 assume-se como União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, constituída pelas Missões: Açores, Madeira, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné.

De 1947 a 1958 regista-se uma difusão evangelística em São Tomé, na Vila da Trindade, ilha do Príncipe, Bombom, S.Amaro, Caixão Grande, Santana e que levou à edificação de uma escola com 243 alunos dos quais, 13 eram

européus. Foram abertas mais 3 escolas primárias: Praia (1951), S.Vicente (1954), Fogo (1955). Em 1956 havia 237 membros em S.Tomé.

- Em 1959 a Missão de São Tomé passa para União Angolana com 248 membros.
- Em 1974 as Missões Cabo Verde e Guiné para a Divisão de África - Oceano Índico, com 477 membros.

Em Abril de 1975 Portugal integra-se na União Sul Europeia.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia está dividida em 13 Divisões como se representa na Figura 16.



Figura 16 - As várias Divisões da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Fonte: Igreja Adventista do Sétimo Dia

Para melhor se compreender a organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia observe-se o gráfico da figura 17, onde se percebe a hierarquia da mesma. As várias igrejas distribuídas por Portugal estão a cargo da União Portuguesa, que por sua vez e

em conjunto com uniões de outros países se integra na Divisão Euro-África. A presidir a todas as divisões está a Conferência Geral.

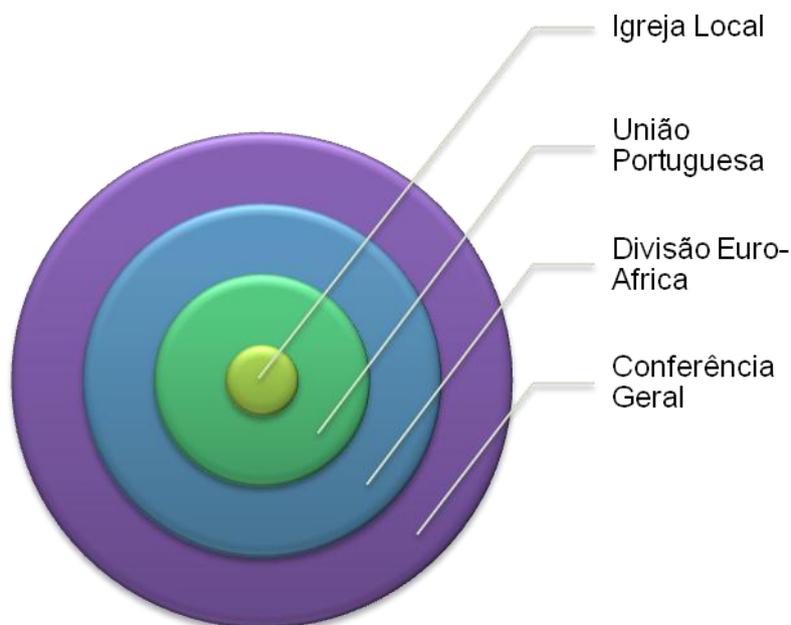


Figura 17 - Gráfico da hierarquia da Igreja Adventista do Sétimo Dia

2.2. Geografia, dinâmicas e processos de difusão da Igreja Adventista em Portugal

Em 26 de Setembro de 1904, chegam a Lisboa os primeiros missionários, a família Rentfro. Ao mesmo tempo que os missionários adventistas, a Sociedade Biblia dava também os seus primeiros passos em Portugal. O país, então com uma população de cinco milhões e meio de habitantes e com mais nove milhões nas colónias, contabilizava quinhentos protestantes e parte deles eram estrangeiros.

A primeira Igreja Adventista nacional foi inaugurada a 16 de Agosto de 1906, em Lisboa. No mesmo ano, a 27 de Setembro, chega outra família missionária – os Schwantes, que se radica no Porto.

A língua portuguesa representava uma barreira para missionários americanos à difusão da Igreja. O método utilizado para a sua expansão era através da oralidade e da literatura, levando à publicação de revistas e folhetos. Existe um registo de como Vitor de Figueiredo, em Taveiro (Coimbra), era o representante da *Revista Sinais dos Tempos* no ano de 1909.

Após a queda da Monarquia e já no ano 1911 era permitido anunciar cultos religiosos e foi colocado um reclame luminoso a gás na fachada da Igreja.

Dos poucos membros existentes até então, alguns emigram para o Brasil, Moçambique e Angola, o que levou a uma diminuição de membros adventistas em território continental português. A percentagem de analfabetismo (82%) em Portugal, dificultava o avanço da Igreja e a instabilidade política (a Ditadura após 28 de Maio de 1926, a Guerra Civil Espanhola a 18 de Julho de 1936 a 1 de Abril de 1939 e a Segunda Guerra Mundial de 1939 a 1945) era outro factor de bloqueio.

A outra razão de saída de crentes do país deve-se à necessidade de missionários em África, (Cabo Verde, Angola, Moçambique, Guiné e São Tomé).

No ano de 1933 já havia Igrejas em Lisboa, Porto, Portalegre e Tomar, mas foi no ano de 1939 que se deram as aberturas das Igrejas em Coimbra, Barreiro, Ribeira de Nisa, Vila Real de Santo António, Matosinhos e Cascais. Em 1940 dá-se a abertura das Igrejas de Avintes e Reguengos. No mapa da figura 18 estão representados os primeiros pólos de difusão da Igreja Adventista em território nacional.



Figura 18 - Primeira etapa da difusão da Igreja Adventista em Portugal

Ao analisarmos a figura , verificamos a existência de dois pólos difusores. O primeiro, é a região de Lisboa, início da expansão em Portugal de onde parte o grande número de membros, que se radicam nas áreas

despovoadas do país, baseados nos conselhos de Elle White em *Os Perigos da Cidade*.

“Poucos reconhecem a importância de evitar, quanto possível, todas as associações contrárias à vida religiosa. Ao escolher seu ambiente, poucos tornam a prosperidade espiritual sua primeira preocupação. Os pais vão com a família às cidades, porque imaginam ser mais fácil obter aí subsistência do que no campo. Os filhos, nada tendo que fazer quando não se acham na escola, recebem uma educação de rua. Adquirem, das más companhias, hábitos de vícios e desenfreamento. Os pais vêem tudo isso, mas requer sacrifício corrigir-lhes os erros, e ficam onde estão, até que Satanás toma inteiro domínio de seus filhos. É melhor sacrificar toda e qualquer consideração mundana do que pôr em risco as preciosas almas confiadas ao vosso cuidado. Elas serão assediadas pelas tentações, e devem ser ensinadas a enfrentá-las; mas é vosso dever cortar qualquer influência, romper com todo hábito, quebrar todo laço que impedir de, com a vossa família, vos entregardes a Deus de maneira mais franca, positiva e sincera. Em lugar da cidade apinhada, buscai algum ambiente afastado onde vossos filhos possam estar, tanto quanto possível, ao abrigo das tentações, e ali preparai-os e educai-os de modo a se tornarem úteis.”

Numa época caracterizada pelo abandono das áreas rurais e pela densificação das cidades, verifica-se o efeito contrário com a população adventista, devido aos conselhos da fundadora da Igreja acima explanados.

O segundo pólo de difusão foi a região do Porto, no norte do país, numa difusão hierárquica, com velocidades diferentes nos pólos de chegada e com uma rede de evangelização multipolar.

São estes dois pólos Lisboa (1) e Porto (2) os principais difusores da Igreja Adventista em Portugal que acompanham o crescimento das áreas metropolitanas, acabando por marcar as paisagens com os seus edifícios, como será descrito mais à frente neste trabalho.

No mapa da figura 19, além de representar os pontos principais de difusão, destaca-se o círculo 3, com a litorização. Com maior densidade de igrejas nesta área aqui, a população adventista acompanha as tendências

demográficas da população portuguesa, onde também se encontram os principais eixos de acessibilidade, os principais equipamentos públicos a nível de saúde e da educação, que foram responsáveis pela migração portuguesa, pois permitiam uma maior oferta de emprego no sector terciário que se encontrava em grande expansão.

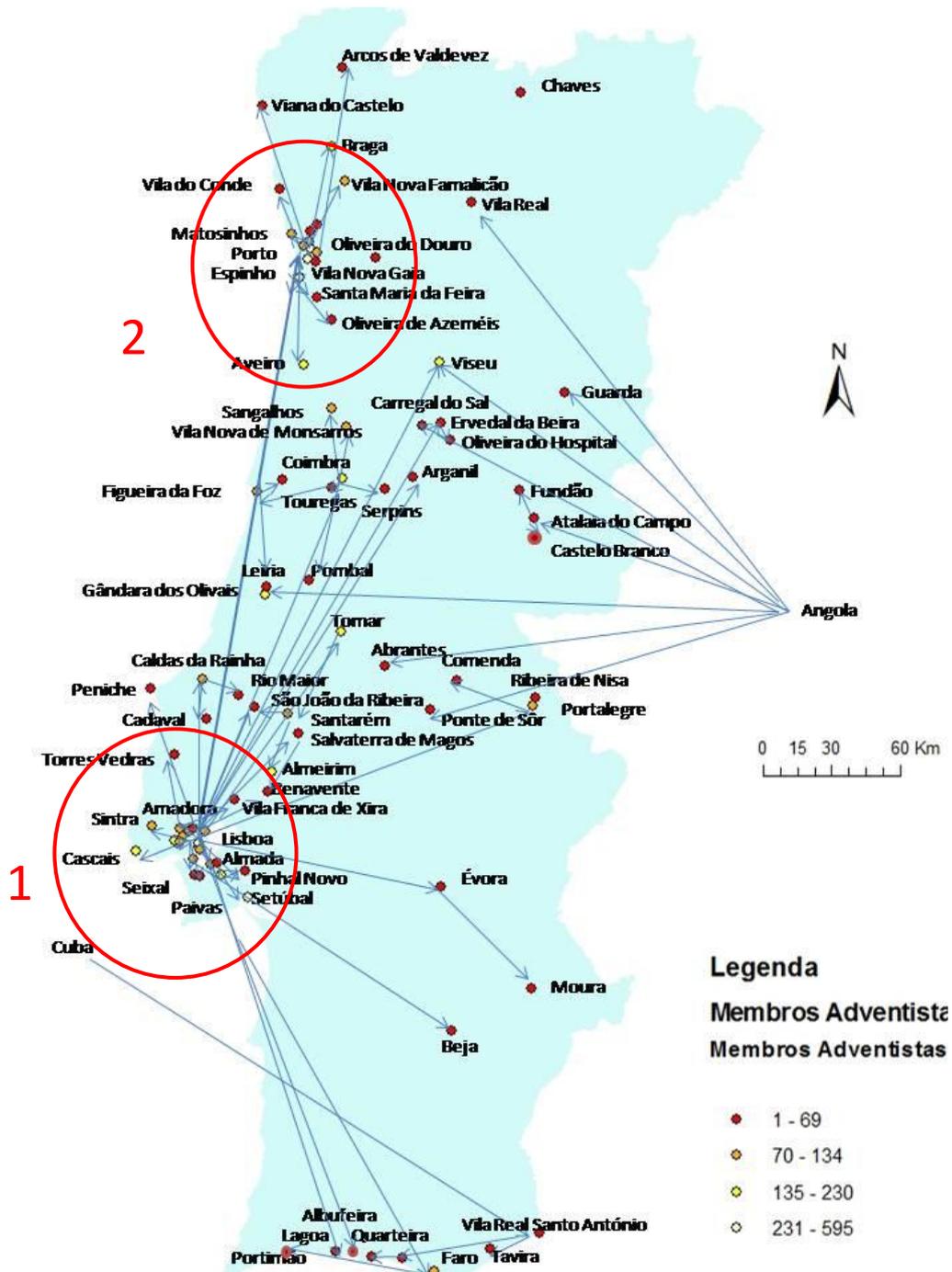


Figura 19 - Modelo de Difusão espacial das Igrejas Adventistas em Portugal Continental

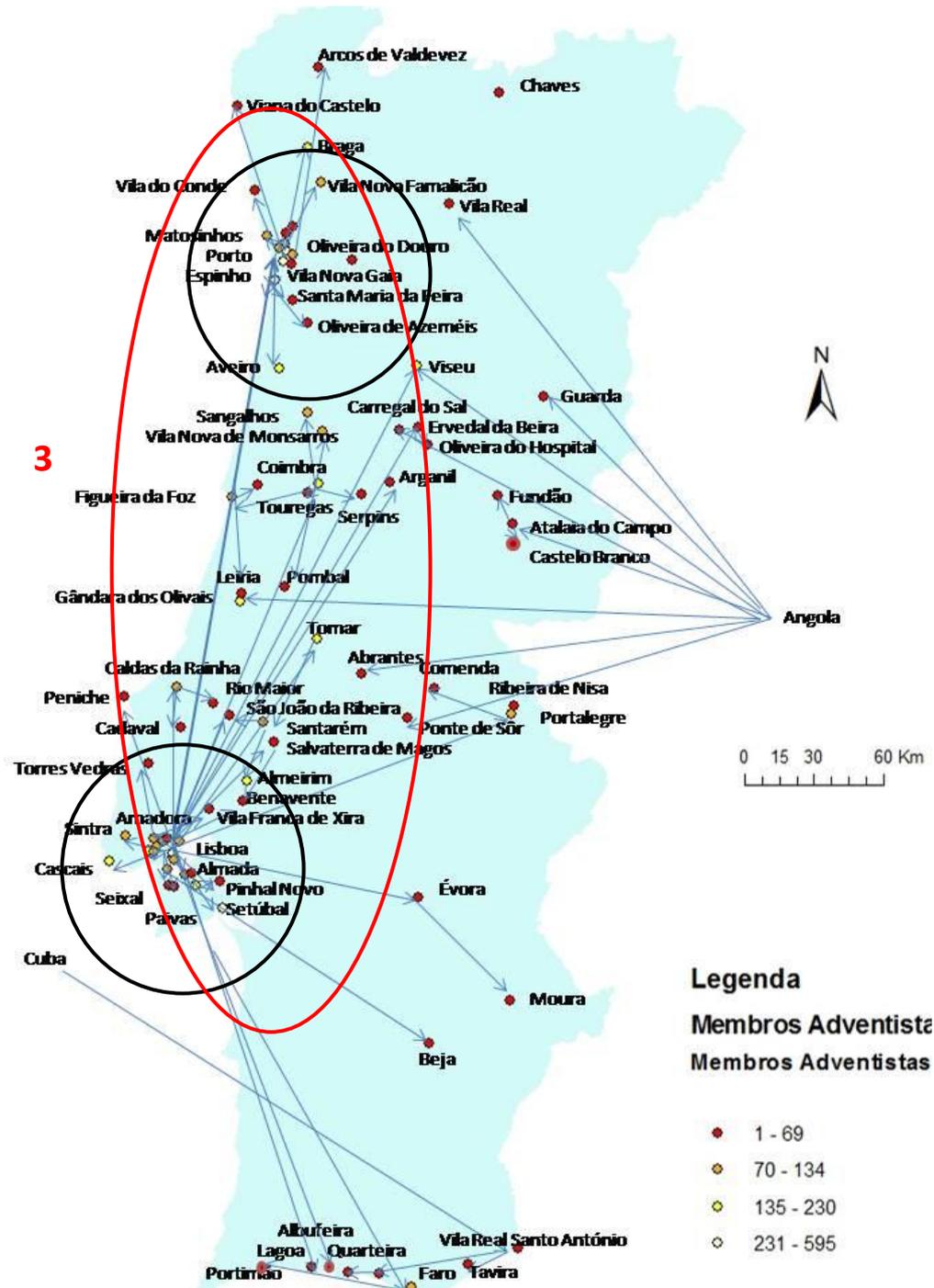


Figura 20 - Modelo de Difusão espacial das Igrejas Adventistas em Portugal Continental

Como se verifica na figura 20, os ex colonos repovoam as áreas despovoadas do interior do país. São estes ex colonos que trazem um factor dinamizador acrescido de um potencial humano que faz contraste com os adventistas do continente. Eles trazem uma vivência de uma cultura cheia de empreendedorismo, com novos hinos, novas actividades ludico-religiosas. Como consequência, revitalizam a Igreja no continente português que se

encontrava mais envelhecida e constituída por membros com fracas qualificações académicas.

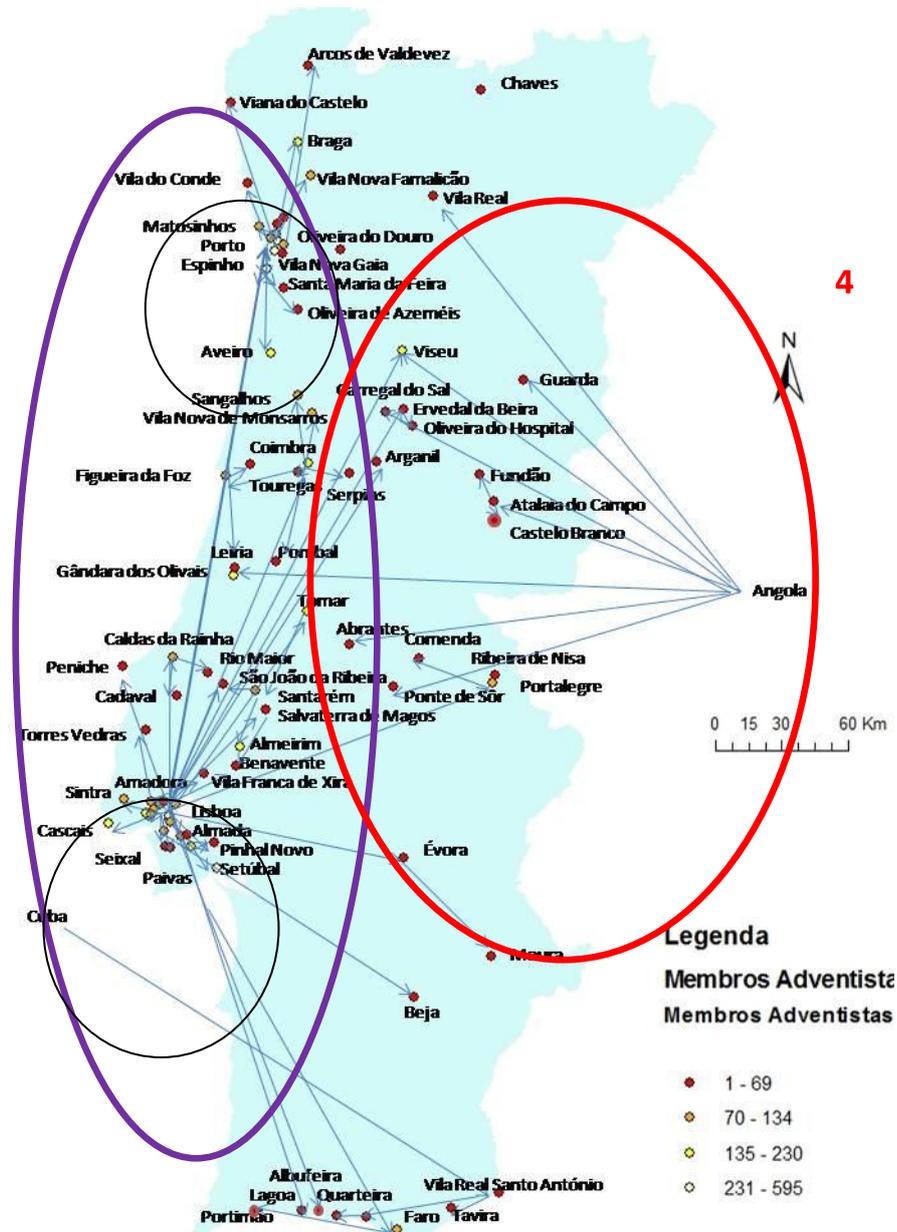


Figura 21 - Modelo de Difusão espacial das Igrejas Adventistas em Portugal Continental

Quanto ao quarto pólo de difusão, foi a distribuição dos ex-repatriados das colónias que têm como missão a difusão nas áreas despovoadas de Portugal e seu repovoamento.

Neste ponto de vista, o sul do país pouco se desenvolveu, devido à sua demografia e à fraca rede de acessibilidade. Só com a vinda da imigração se

justifica a abertura de mais igrejas, como o caso da Igreja de Albufeira que é frequentada por brasileiros e a Igreja de Loulé por moldavos e romenos.

O corredor litoral que se verifica no espaço português, é perpendicular a outros corredores regionais que se desenvolvem devido não só a tendências demográficas e de redes rodoviárias, mas também à estratégia da evangelização, como se verifica em Coimbra, que se posiciona num corredor regional.

Depois destes pólos difusores considerados importantes, outros surgem em consequência de todo o processo, entre eles Coimbra surge como conexão entre outros pólos, tanto a Norte como a Sul, Este e Oeste. Pela sua posição estratégica no centro do país e como cidade capital de distrito, que absorveu população de outros concelhos e mesmo de outros distritos, devido à atracção da universidade e dos serviços de saúde.

Segundo o gráfico da figura 22, a expansão da Igreja no início do século teve um crescimento gradual, mas é após os anos 1940 que começa a duplicar o surgimento de igrejas em Portugal. As décadas mais significativas são as que se enquadram entre a de 1960 e a de 1990, conforme o gráfico demonstra. Com a repatriação da população que veio das ex-colónias e veio de um modo positivo, a contribuir para a difusão Adventista em Portugal. Os mapas seguintes da Figura 22 representam o número de igrejas no continente português e no tempo.

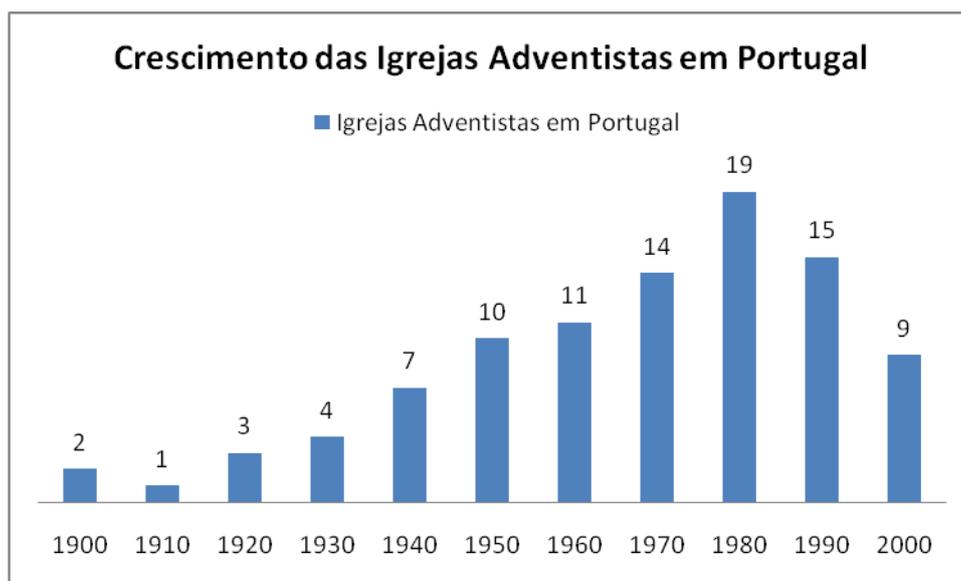


Figura 22 - Gráfico Crescimento das Igrejas Adventistas em Portugal

Tal como antes mencionado a inauguração do primeiro templo adventista, em Lisboa ocorreu em Novembro de 1924, tendo a partir daí surgido mais igrejas por todo o país. É em 1935 fundado o Instituto Académico Adventista, com Instrução Primária e o 1º Ciclo Liceal. Também se iniciou o Curso Preparação para Obreiros a 1936, em Lisboa, mas passou para Portalegre com o nome de Seminário Adventista em 1943.

No início da década de 1950 três grandes desafios se perfilavam no horizonte da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia: a ideologia política então vigente, com as inevitáveis repercussões restritivas, por vezes hostis, sobre algumas minorias religiosas; o cumprimento espiritual e metódico da missão confiada à Igreja Adventista do Sétimo Dia; e a expansão e consolidação do Movimento Adventista nas ilhas africanas sob a administração da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.

Outra forma de evangelização, foi o curso bíblico por correspondência, em que concluíram 933 alunos e que resultou no baptismo 75 pessoas.

Neste espaço de tempo, de 1950 a 1960, surgiram igrejas em Oliveira do Douro, Paivas, Figueira da Foz, Tavira, Almada, Espinho, Lisboa-Alvalade, Caldas da Rainha, Cadaval e Odivelas.

A longo prazo, os membros numa família, acabarão por trazer muitos mais. Como o exemplo de um casal baptizado em 1952, que em 2006 havia gerado uma centena de adventistas.

Ainda em época de ditadura, a Igreja continuou o seu trabalho de expansão no território português, levando à abertura de novos locais de culto adventistas; Baixa da Banheira, Amadora, Lisboa-General Roçadas, Viseu, Reboleira, Sangalhos, Vila do Conde, Aveiro, Leiria, Caniço e Sintra.

Com a evolução da tecnologia e tomando partido dela com vista à optimização do objectivo proposto, de maximizar os efeitos da evangelização, foi lançado o programa “Telemensagem”, que constava em receber chamadas telefónicas atingindo num mês, em 1963, 5000 chamadas.

No ano de 1965 iniciam-se as emissões na Rádio Graça (Lisboa) e no ano seguinte, adquire-se um terreno para o Parque de Campismo na Costa de Lavos. Mais tarde, em 1968 inaugura-se o Lar Adventista em Pêro Negro no concelho de Sobral de Monte Agraço.

Dos anos de 1967 a 1969 resultaram quatro Estações de Rádio, Escolas Bíblicas de Férias e a abertura das Igrejas de Aveiro e de Leiria, o que prefaz um total de 28 igrejas organizadas. O facto de existir um registo de 2426 baptismos não implica o somatório com os membros já existentes, pois temos de analisar os óbitos e os que desistiram. Também não são contabilizadas as crianças nem os visitantes, irregulares ou permanentes.

Passados cinco anos, em 1974 e devido ao significativo crescimento do número de membros, passou a existir a necessidade de uma reorganização administrativa do território e desmembraram-se, da Associação Portuguesa dos Adventistas do Setimo Dia, as Missões de Cabo Verde e Guiné, integrando a União Sul Europeia e em 1980 a União Sahel.

Em 1975 são inaugurados os Externatos de Oliveira do Douro e o de Coimbra.

O grande crescimento de igrejas começa a verificar-se nos anos 1970, com a abertura de 14 igrejas espalhadas pelos vários concelhos portugueses. Oliveira de Azeméis, Santarém, Vila Franca de Xira, Vila Nova de Gaia, Salavaterra de Magos, São João da Ribeira, Vila Nova de Monsarros, Arganil, Torres Vedras, Atalaia do Campo, Matosinhos, Braga, Alpendurada e São Mateus. Reforço o que já foi antes mencionado, como a chegada em massa da população vinda das ex-colónias intensificaram a rede de difusão de igrejas adventistas. Na década seguinte, nos anos 1980, continuou este processo difusor e levou à inauguração de novas igrejas em: Castelo Branco, Ermesinde, Évora, Ponte de Sor, Queluz, Rio Maior, Corroios, Guarda, Lagoa, Portimão, Fundão, Praia da Vitória, Carregal do Sal, Pombal, Arcos de Valdevez, Colégio de Oliveira do Douro, Peniche e Santana.

A Igreja Adventista tem não só como objectivo a educação, com a construção de escolas a que aludi anteriormente, mas também a saúde, o que levou à abertura de um centro médico que não singrou. No entanto, este centro médico reabriu novamente de 1984 a 2004.

Na década de 1990 o crescimento do número de membros adventistas levou à abertura de novos locais de culto e surgem as igrejas de Albufeira, Moura, Vila Real, Comenda, Gandar dos Olivais, Serpins, Brandoa, Vila Chã, Benavente, São Jorge, Sacavém, Almeirim, Vale Queimado, Chaves e Santa Maria da Feira.

Como ainda não se encontra disponível informação completa sobre as estatísticas referentes ao novo milénio, no que respeita as novas igrejas, até 2008, tinham sido inauguradas as salas de culto de Pinhal Novo, Póvoa de Santo Adrião, Touregas, Pedrouços, Quarteira, Viana do Castelo, (que já tinha tido em 1914 um edifício, mas que devido à II Guerra Mundial e à falta de financiamento foi fechada), Beja, Oliveira do Hospital e por ultimo Sertã.

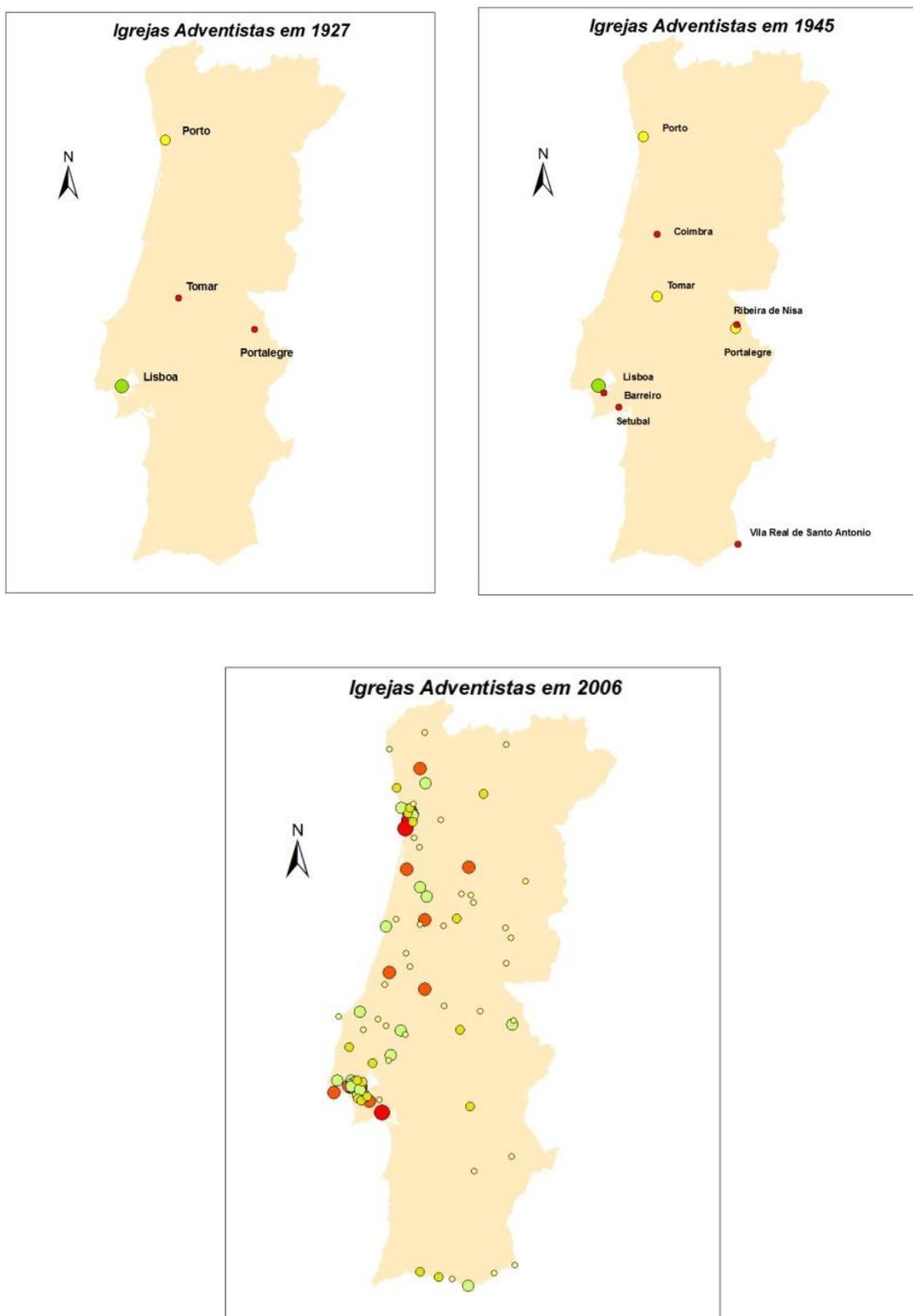


Figura 23 - Mapas com a evolução da distribuição das Igrejas Adventistas em Portugal

As acções estratégicas para o crescimento da igreja adventista tiveram como preocupação a falta de pastores e a necessidade de continuar de uma forma objectiva e sistemática, a fazer crescer cada vez mais, o número de população adventista. Relembro que são só contabilizados o número de membros, pois excluem-se as crianças e visitas, que são frequentadores assíduos, sem contudo afirmarem no baptismo a sua conversão ao adventismo.

Em função do acima descrito e para a expansão da igreja, são formados promotores bíblicos que se reúnem uma vez por semana com o pastor, de forma a delinearem estratégias e serem instruídos nos métodos de evangelização na região. Na hierarquia, abaixo na pirâmide, surgem os membros que difundem a mensagem com visitas a hospitais, penitenciárias, Expo Saúde, distribuição de folhetos, visitas e acompanhamento a pessoas com as mais diversas necessidades. Estes membros são voluntários e trabalham para aumentar o número de famílias adventistas, de maneira a tornar-se um modelo exponencial.

Para apoio ao fenómeno de difusão de adventistas em Portugal, além dos referidos membros voluntários, aliás patentes no esquema da Figura 24, a igreja tem diversas instituições e serviços que contribuem para o desenvolvimento em causa, como a Publicadora Servir que edita livros, folhetos, publicações periódicas e colecções. Também de uma forma discreta a ADRA-Portugal tem dado os seus frutos, sendo uma Organização Não Governamental de Beneficência presente em 125 países, distribuindo alimentos, roupas tanto de cama como vestuário, medicamentos e equipamento hospitalar, dando formação agrícola e em desenvolvimento de recursos hídricos, criando escolas e clínicas com desenvolvimento sustentável em prol de populações carenciadas em todo o mundo.

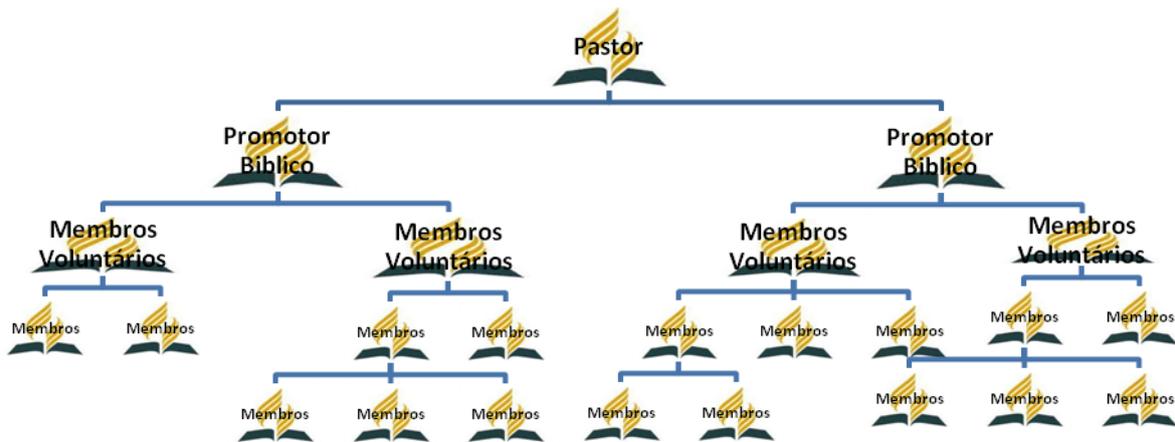


Figura 24 - Modelo de Difusão Regional

Outro tipo de instituições, são os lares para pessoas idosas (LAPI), que se encontram em Salvaterra de Magos, em Avintes e no Funchal. Destes lares nasceram novos membros que contribuíram para o crescimento da igreja. Também na área da educação, funciona o Jardim de Infância Arco-Íris, em Setúbal, que desempenha um papel educativo, que acaba por promover emprego local e oferecer lotação para 100 crianças. Integra os serviços da igreja um Restaurante Vegetariano Granovita, fruto da filosofia institucional da igreja, que promove palestras sobre saúde e temperança.

Com o desenvolvimento da tecnologia, a Internet lidera a velocidade da difusão de informação, tendo a Igreja Adventista utilizado esta ferramenta para avanço evangelístico. Além de palestras de evangelização e literatura e de cursos bíblicos, alguns sites têm associadas lojas virtuais de produtos relacionados com a Igreja. São quase sempre compostos por notícias da Igreja da escala local à Mundial, levando a conhecer projectos que se fazem noutros lugares. É reservado um espaço para os jovens e crianças com novidades e de igual modo um espaço para a promoção de um estilo de vida saudável.

O crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia entre 2000 e 2010

Os dados estatísticos mostram um crescimento acentuado nos anos 2008 e 2009, correspondente ao pico de crescimento neste milénio. Verifica-se que a tendência da Região Centro se assemelha ao crescimento observado no país, acompanhando de forma semelhante o aumento e decréscimo do número de membros, conforme visível nos gráficos das Figuras 25 e 26.

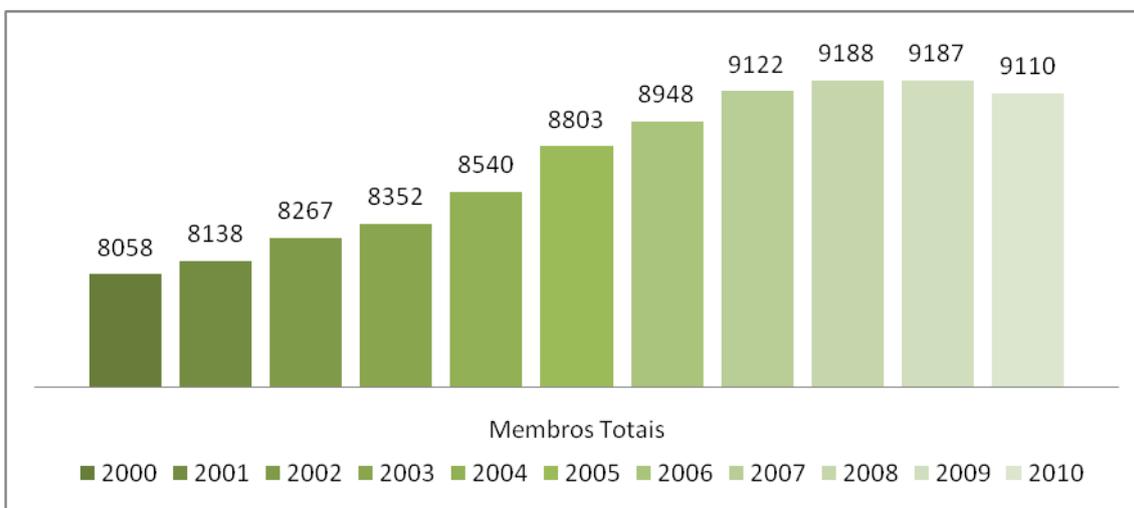


Figura 25 - Gráfico do crescimento de membros em Portugal

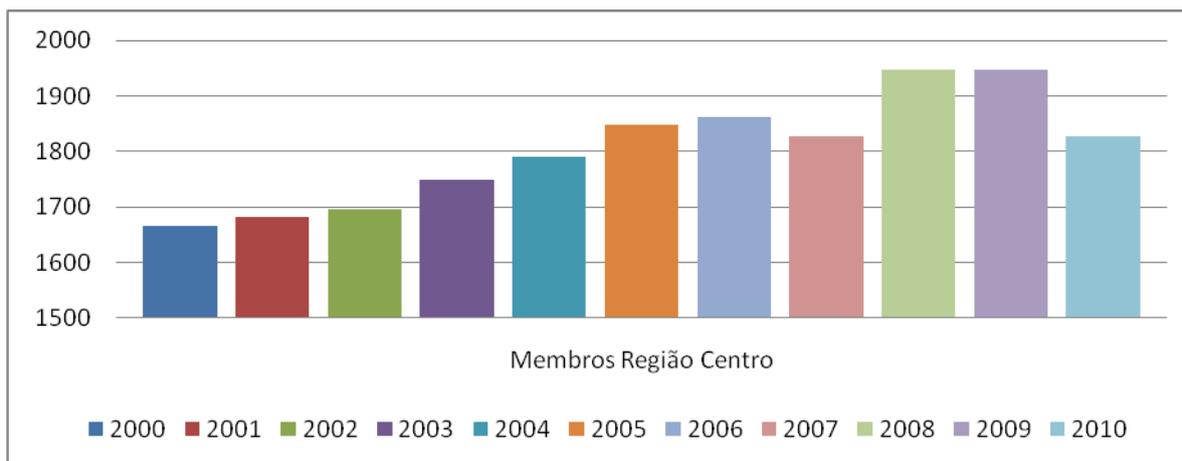


Figura 26 - Gráfico do crescimento de membros na Região Eclesiástica do Centro

Para uma melhor compreensão da região eclesiástica do centro, foi construído um mapa representado na figura 27, que demonstra a distribuição

das igrejas adventistas nesta área e que não coincide com as divisões administrativas territoriais das NUTS.

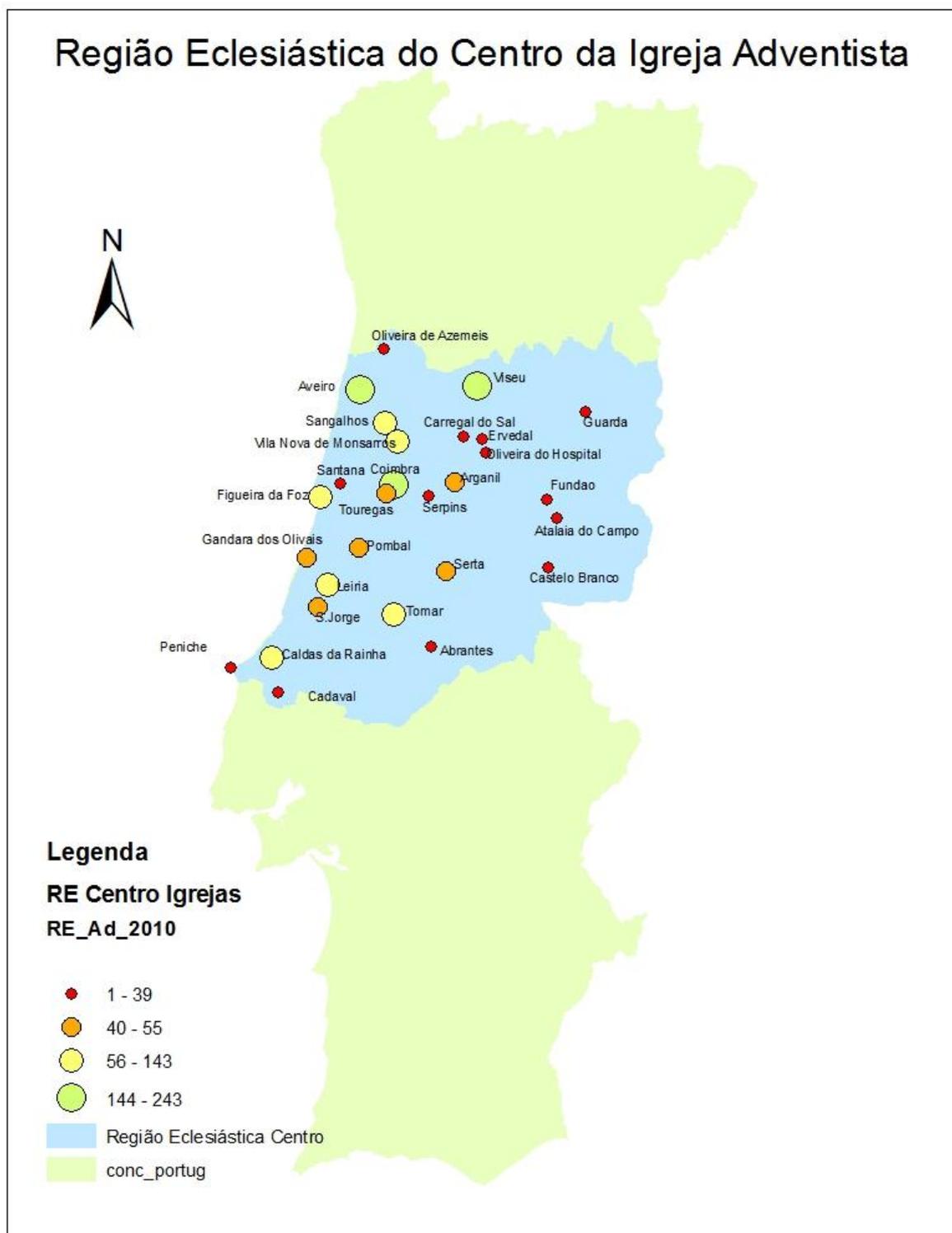


Figura 27 - Região Eclesiástica do Centro da Igreja Adventista

Assim, sistematizando as etapas da difusão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, podemos afirmar que se destacam quatro fases:

A primeira corresponde ao pólo de recepção no território nacional em Lisboa, na segunda a difusão ocorreu na área compreendida entre Lisboa e Porto, distribuída por alguns pólos, como Tomar, Coimbra, Portalegre entre outros. Na terceira fase os crentes procuram áreas rurais com base no conselho de Ellen White, enquanto que em Portugal se assistia na mesma época ao abandono das áreas rurais e a uma densificação das cidades motivada pela procura de melhores condições de trabalho e de formação académica. Na quarta fase deu-se a recepção de ex-colonos no território português.

Assim, os adventistas do sétimo dia vão marcando o território dando origem a novas paisagens.

2.3 A Paisagem da Igreja Adventista em Portugal – algumas referências

O património material religioso da Igreja Adventista está marcado na paisagem de três formas distintas:

1 - No valor arquitectónico acrescido devido às características das suas construções conforme exemplo nas Figuras 28 e 29 das igrejas que se encontram nas cidades de Lisboa e Porto.



Figura 28 - Igreja Central-Lisboa



Figura 29 - Igreja do Porto

2 - NA ocupação de lojas, numa época de grande expansão de Igrejas Adventistas nas áreas urbanas, levou à obtenção de espaços sagrados, comprados ou arrendados e adaptadas ao objectivo de adoração a Deus. As fotografias 30, 31, 32 e 33 são exemplificativas das Igrejas de Almada, Leiria, Beja e Brandoa.



Figura 30 - Igreja de Almada



Figura 31 - Igreja de Leiria



Figura 32 - Igreja de Beja



Figura 33 - Igreja da Brandoa

3 - Na representação da região, utilizando materiais de origem local e enquadradas na paisagem. São exemplo as Igrejas de Alpendurada, Cascais, Benavente, Coimbra, Lagoa e Salvaterra de Magos.



Figura 34 - Igreja da Alpendurada



Figura 35 - Igreja de Cascais



Figura 36 - Igreja de Benavente



Figura 37 - Igreja de Coimbra

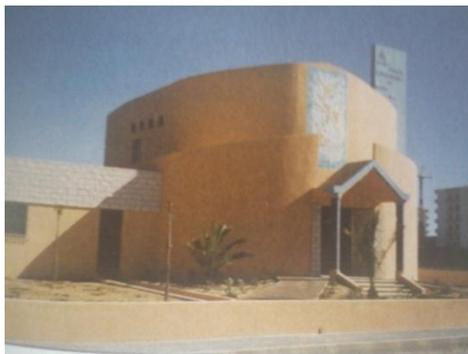


Figura 38 - Igreja de Lagoa



Figura 39 - Igreja de Salvaterra de Magos

Fonte das fotografias das Igrejas: Ernesto Ferreira

Ao observarmos as fachadas das diversas Igrejas, verificamos que algumas são identificadas com uma cruz, porém este milénio trouxe uma nova formatação e muitas já são identificadas apenas com o logotipo da Igreja Adventista, para que haja uma identificação universal. O Templo Adventista na Rua Joaquim Bonifácio em Lisboa, inaugurado em Novembro de 1924, é construído com fachada bizantina, tendo ainda sido candidato ao Prémio Valmor, que por ser um templo, lhe foi recusado.

O capítulo seguinte trata apenas do estudo de caso do concelho de Coimbra.

Capítulo III

A Igreja Adventista do Sétimo Dia no concelho de Coimbra – espaço e população

Analisando os dados estatísticos referentes aos censos de 2001 com números absolutos, a resposta dos residentes com 15 ou mais anos sobre religião dá-nos a imagem de uma população maioritariamente católica em Coimbra, reflexo de toda uma herança histórica associada a fluxos de migração. O concelho em estudo acolhe no seu núcleo urbano uma multi-diversidade religiosa. A freguesia de Santo António dos Olivais, é a que tem o maior número de população do concelho, logo é nela que se encontra uma maior heterogeneidade religiosa. Na figura 40 surge em primeiro lugar a população católica que está representada em maior número na freguesia de Santo António dos Olivais e em segundo lugar nas freguesias de São Martinho do Bispo e de Eiras, formando um núcleo no concelho.

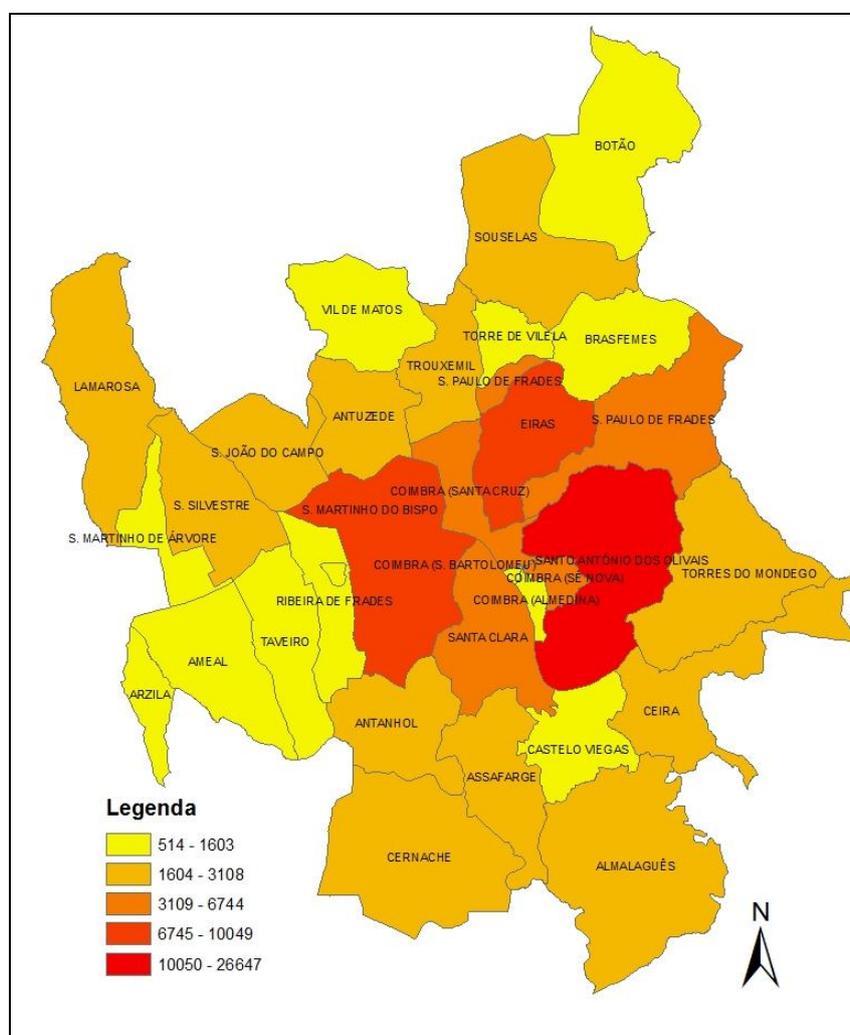


Figura 40 - Mapa de católicos no concelho de Coimbra

No centro deste analisamos uma ilha, correspondente à freguesia de São Bartolomeu com o menor número de população católica, onde reside um razoável número de imigrantes que reflectem diferentes identidades religiosas e ocupam o centro histórico de Coimbra, tudo isto devido ao abandono verificado nesta área por parte da população autóctone, condicionando o mercado de maneira a fazer descer o valor do arrendamento, tornando-o mais acessível.

A comunidade muçulmana registada no concelho de Coimbra, concentra-se, como se vê na figura 41, sobretudo em três freguesias vizinhas; em primeiro lugar, Santa Cruz em destaque com maior número de população, seguida de Santo António dos Olivais e por último as freguesias de São Paulo de Frades e Eiras que apresentam também um valor significativo de muçulmanos e onde se encontra um lugar de culto desta religião.

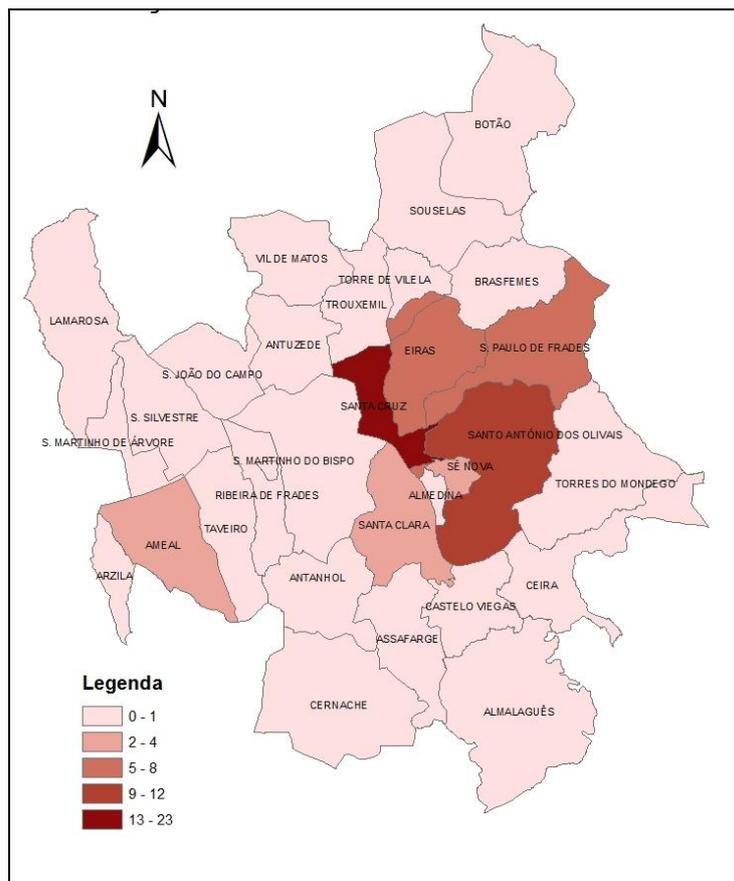


Figura 41 - Muçulmanos no concelho de Coimbra

Em relação aos crentes Ortodoxos residentes no concelho de Coimbra, verificamos que a freguesia com maior número é Santo António dos Olivais. As

freguesias vizinhas com tendência para Oeste e em direcção ao litoral apresentam também um registo significativo de população representada na figura 42.

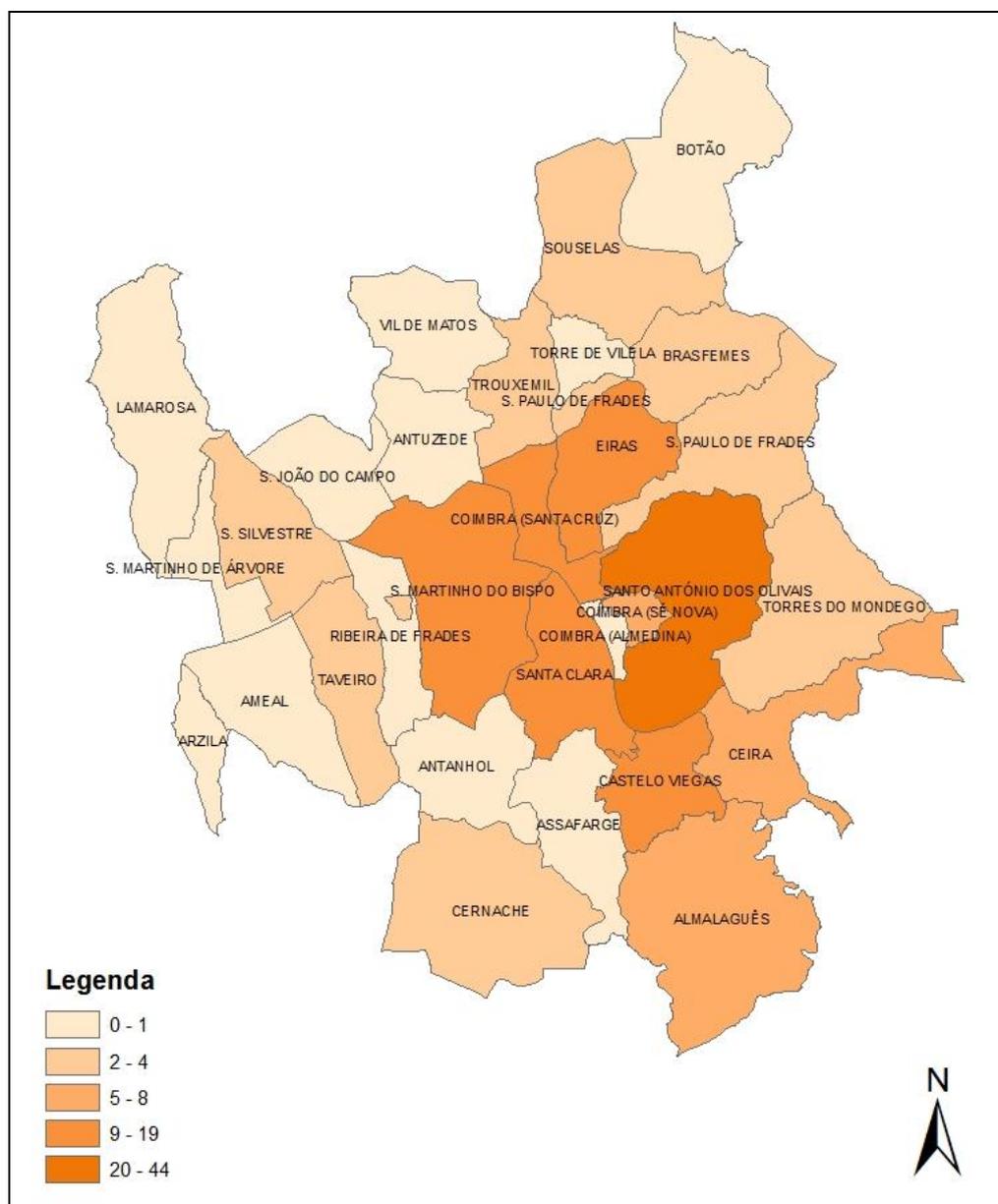


Figura 42 - Mapa de Ortodoxos no concelho de Coimbra

O número de protestantes encontra-se em segundo lugar seguindo-se à população católica. A freguesia de Santo António dos Olivais, mais uma vez aparece com o maior número de protestantes, São Martinho do Bispo, Santa Clara, Antanhol, Eiras, Santa Cruz e São Paulo de Frades posicionam-se logo a seguir.

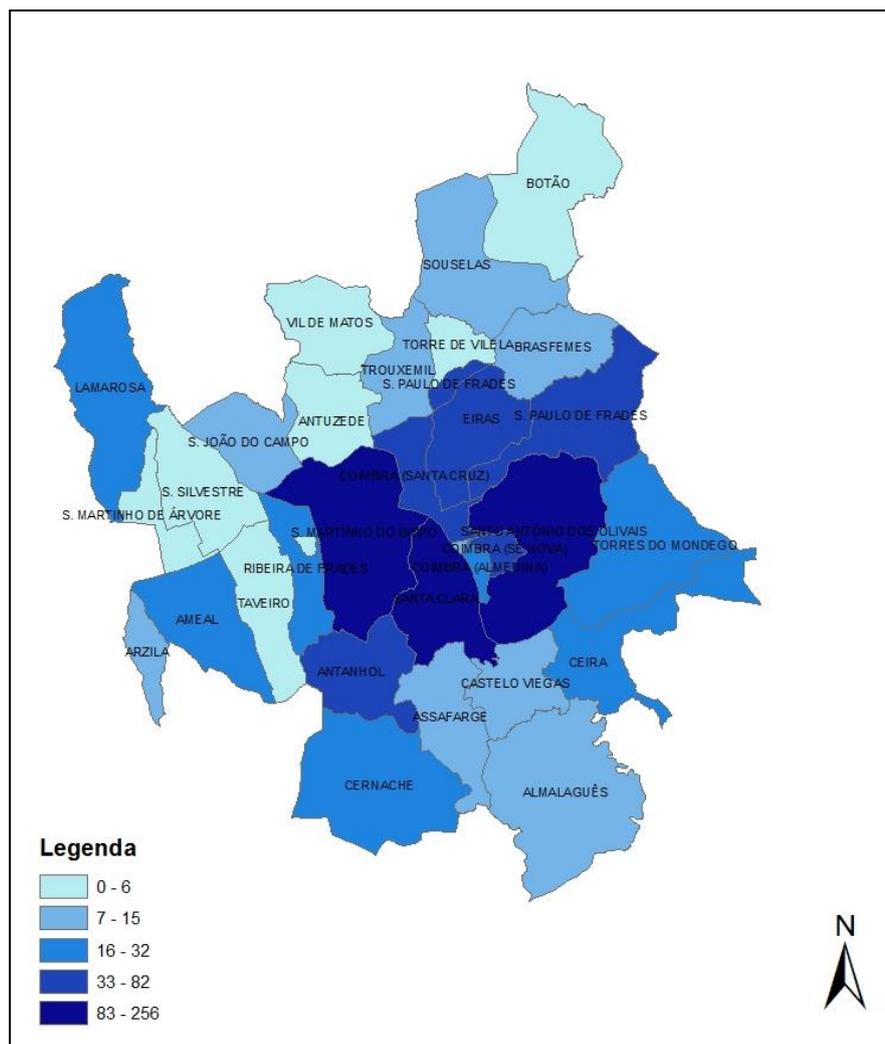


Figura 43 - Mapa de protestantes no concelho de Coimbra

De acordo com dados estatísticos fornecidos pelo INE, relativos a outras religiões, a comunidade muçulmana deveria vir enquadrada ou integrada nesta análise, visto tratar-se de uma crença não cristã.

A importação de novas religiões como o budismo e outras de origem oriental encontra-se muito em moda, de tal forma, que várias lojas se identificam com imagens do Buda como o caso da Ritual, a Natura e outras marcas de roupa e de objectos de decoração. Analisando o mapa da figura 44 de outras religiões não cristãs verifica-se que uma vez mais é a freguesia de Santo António dos Olivais a que apresenta mais densidade populacional neste

grupo, seguindo-se Eiras, São Martinho do Bispo, Santa Cruz, Sé Nova, Santa Clara, São Paulo de Frades, Lamarosa, Vil de Matos e Assarfage.

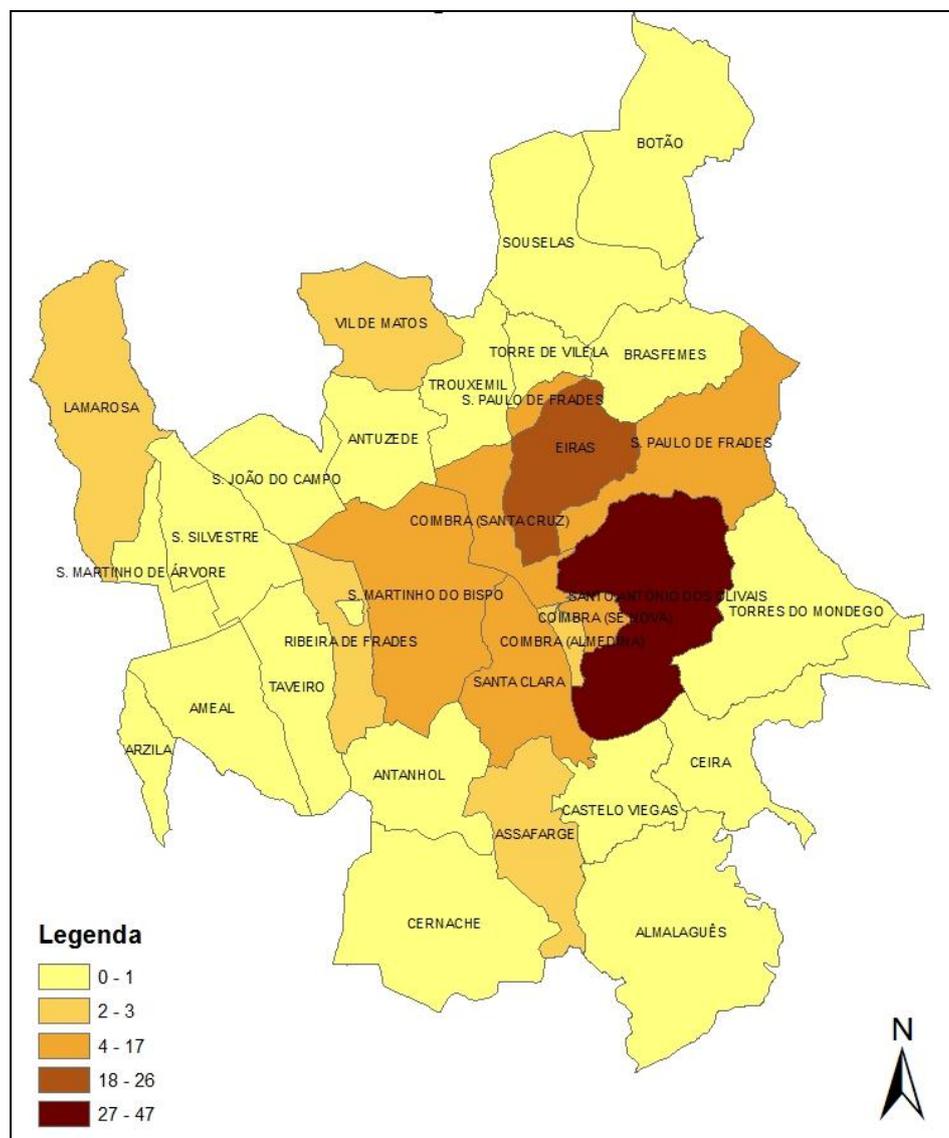


Figura 44 - Mapa de outras religiões não cristãs no concelho de Coimbra

No grupo de outras religiões cristãs atinge-se um número superior ao de protestantes no concelho, mas é nas áreas mais urbanas e com maior densidade demográfica, que se encontram em número mais elevado. A freguesia de Santo António dos Olivais continua em destaque com o maior número de população de outras religiões cristãs, no concelho de Coimbra.

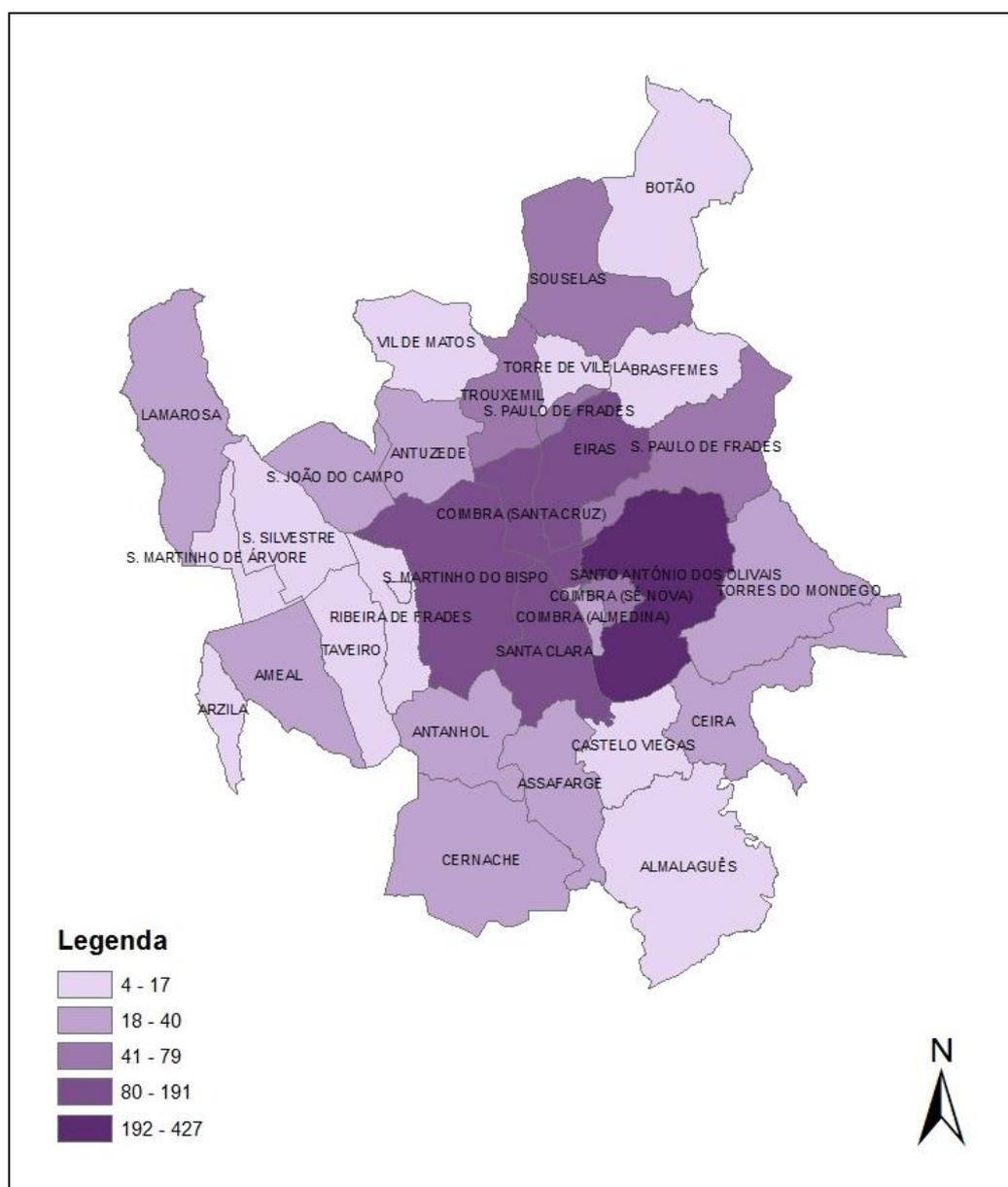


Figura 45 - Mapa de outras religiões cristãs no concelho de Coimbra

Em 1939 é inaugurada uma Igreja Adventista em Coimbra e no ano de 1968 é construído na Rua Teixeira de Carvalho um templo.

A população adventista é contabilizada somando o número de membros, considerando apenas as pessoas baptizadas. Estas só assumem este compromisso quando atingem um grau de maturidade que lhes permite compreender o acto em causa. As famílias ou membros são acompanhados dos filhos que participam nas diversas actividades. Por este motivo, os dados estatísticos da Igreja de Coimbra, incluem também as crianças que têm uma função activa na Igreja.

Com a abertura da Igreja de Touregas em 1999, verificou-se um decréscimo do número de membros, contudo em 2005 a tendência inverte-se começando de novo a aumentar os valores em análise, conforme se pode observar na figura 46.

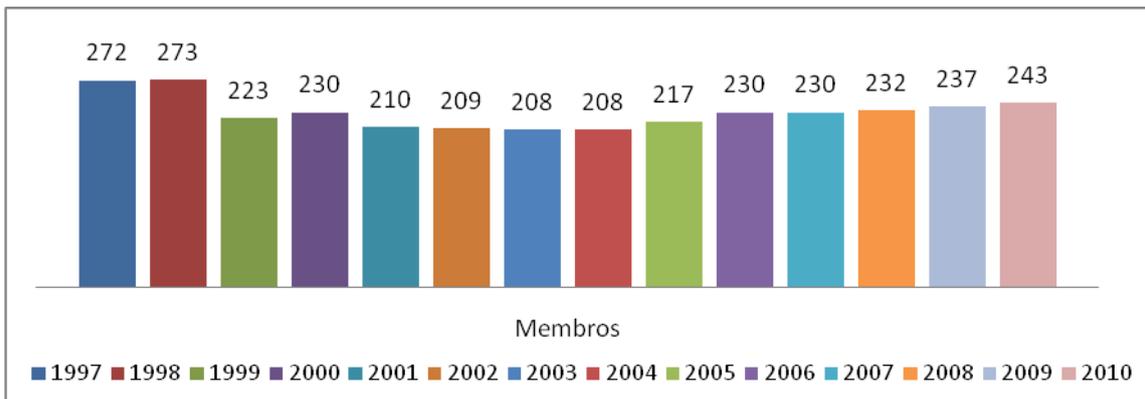


Figura 46 - Gráfico do crescimento da Igreja de Coimbra

Segundo os dados de amostragem da população da igreja Adventista de Coimbra, a que se teve acesso através das fichas dos respectivos membros, num universo de estudo de 150 membros, foi registada uma população na sua maioria feminina, como se conclui na figura 47.

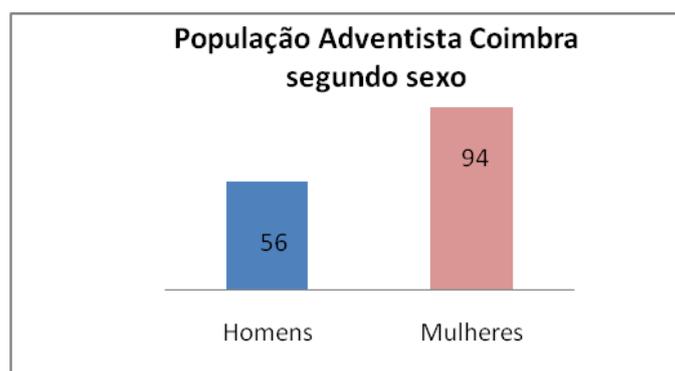


Figura 47 - Gráfico da população da igreja de Coimbra segundo sexo.

Ao analisarmos a pirâmide etária da figura 48 do nosso grupo de estudo, verificamos a concentração na faixa etária da população activa, feminina, contudo temos que tomar em conta, que só estão contabilizados os filhos dos membros considerados activos, muito embora a igreja seja frequentada por elementos que não se enquadram na situação de membro activo, conforme já explicado.

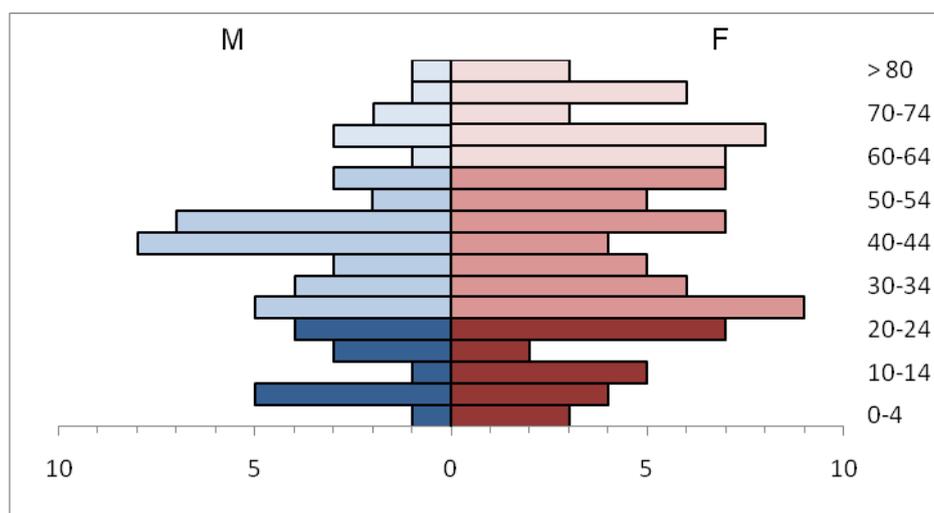


Figura 48 - Pirâmide etária da Igreja de Coimbra

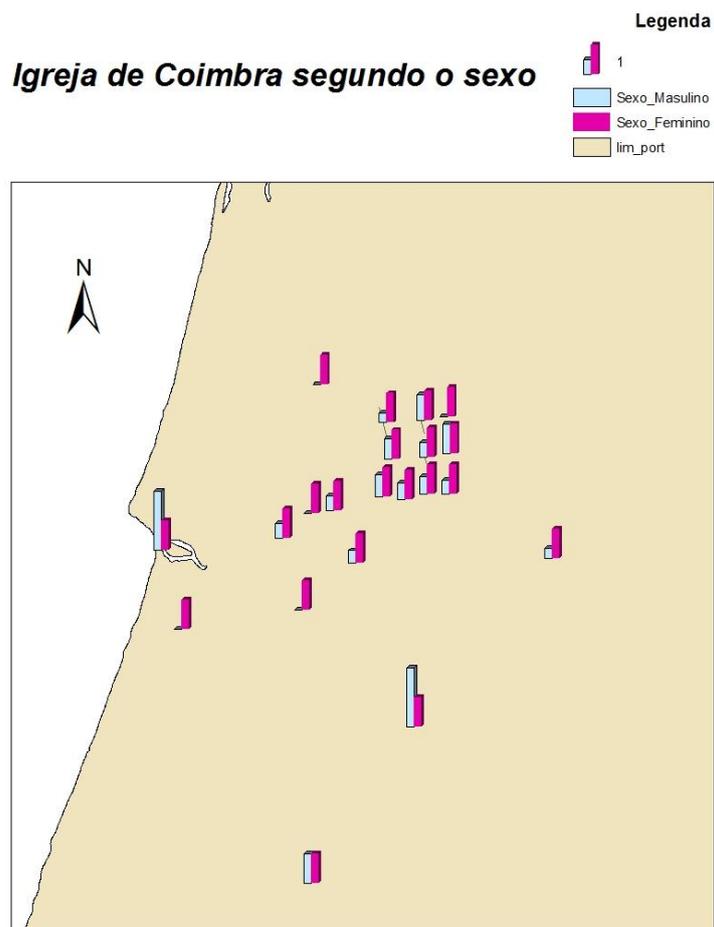


Figura 49 - Mapa representativo segundo sexo, nas várias freguesias de residência.

O gráfico seguinte (Figura nº 50), representa a população adventista de Coimbra segundo as habilitações literárias, com o ensino básico verificado na população mais envelhecida e na infância, seguindo-se o secundário, a licenciatura, o bacharelato e o mestrado com valores iguais e 1% com doutoramento.

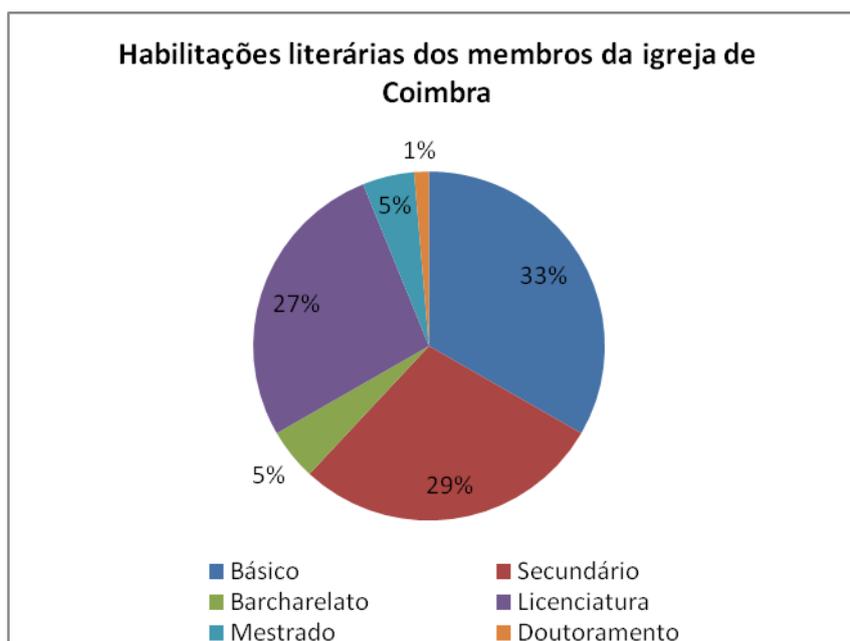


Figura 50 - Gráfico com as habilitações literárias dos membros de Coimbra

Santo António dos Olivais é a área com maior número de crentes, seguindo-se Souselas, Antuzede, Santa Clara, Sebal, Sé Nova, Torre de Vilela, Santa Cruz, Alfarelos, São Martinho do Bispo. Com quatro membros as freguesias de Vilarinho, Vil de Matos e Olival. Com três membros Ansião, Eiras, Santa Eufémia e São Pedro, Semide e Pereira com dois adventistas. Trouxemil, São Miguel, Soure, Santo Varão, Marinha das Ondas e Cantanhede com apenas um membro.

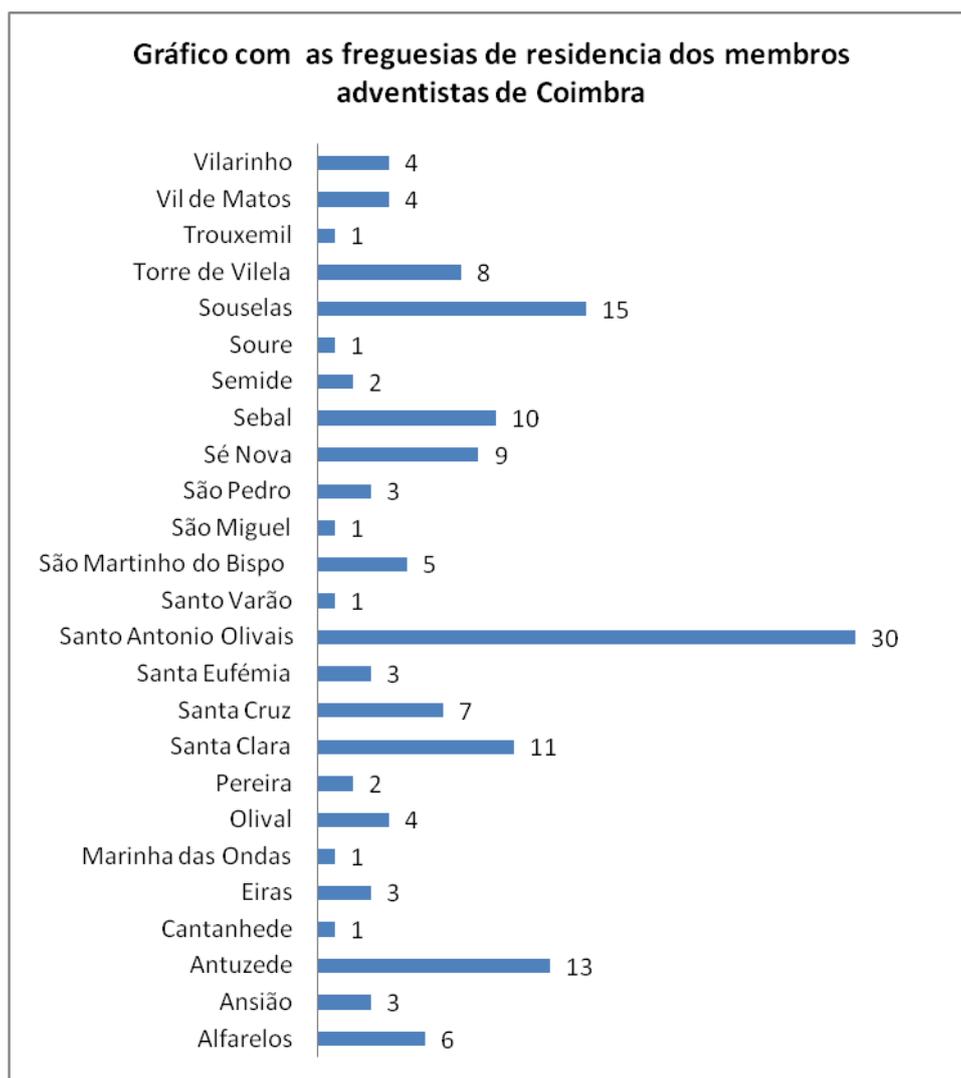


Figura 51 - Gráfico com as freguesias de residência dos membros adventistas de Coimbra

Para uma melhor compreensão da distribuição no espaço, foram construídos dois mapas com a dispersão das várias áreas de residências dos membros da Igreja de Coimbra. O primeiro destaca a área de estudo no centro do continente português. O segundo realça, em pormenor, as diversas freguesias de residência dos membros que frequentam a Igreja Adventista de Coimbra.

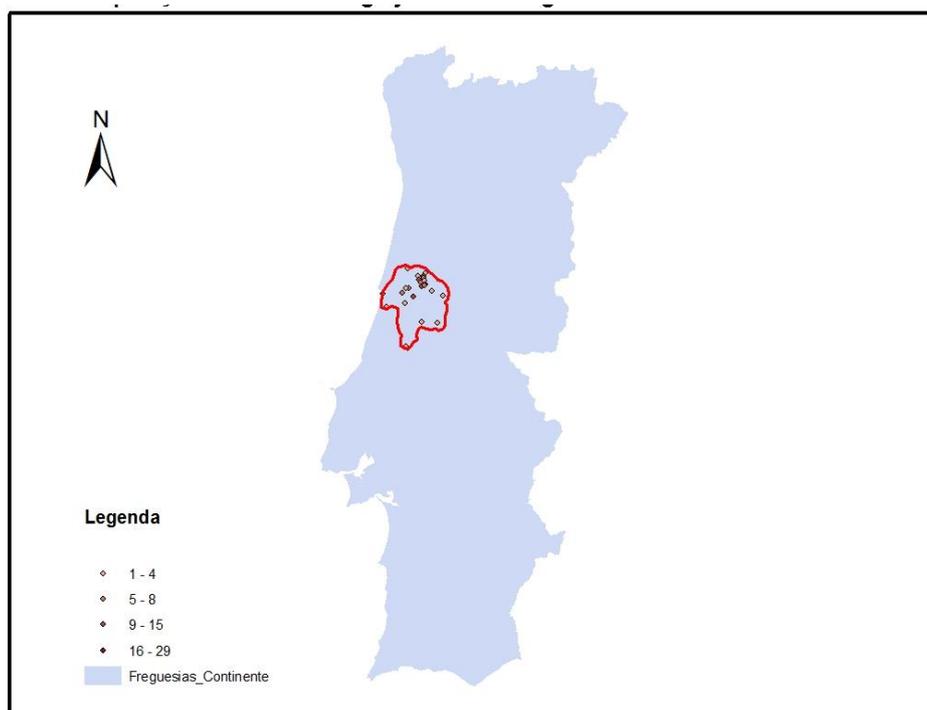


Figura 52 - Mapa com as freguesias de residência dos membros adventistas de Coimbra

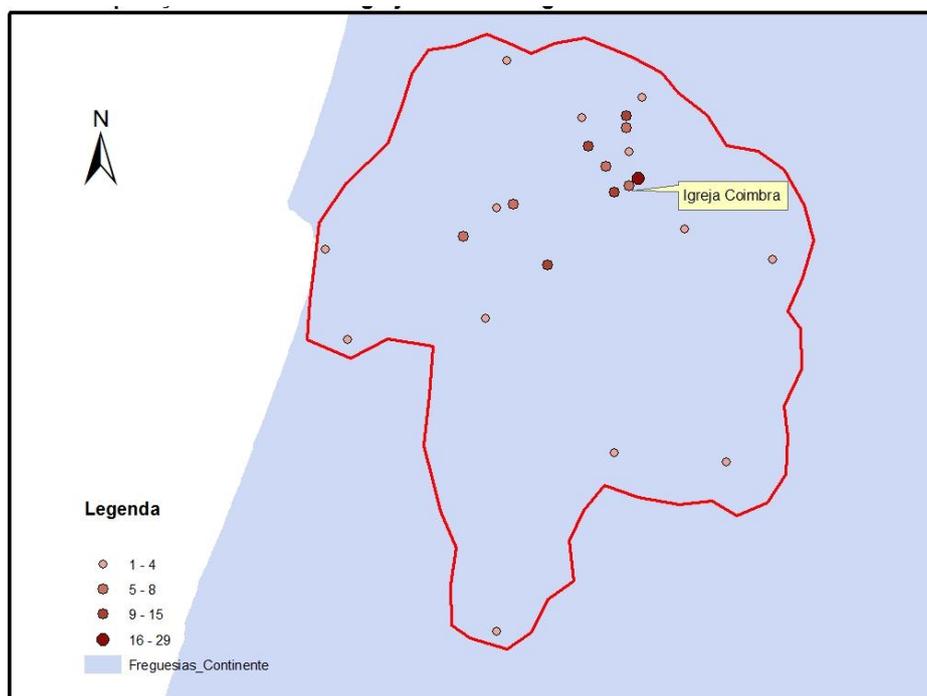


Figura 53 - Mapa com as freguesias de residência dos membros adventistas de Coimbra

Assim, verificamos numa dimensão temporal, como a expansão da difusão da Igreja Adventista de Coimbra (pólo difusor centro) foi sendo construída e na actualidade recebe membros de outros concelhos. O país continua com território por evangelizar, tarefa que concilia com a tentativa de manutenção dos seus membros, numa altura em que a liberdade religiosa o permite em Portugal.

Os modelos de estratégia precisam de levar respostas às necessidades das diferentes pessoas e lugares.

Considerações Finais:

A Geografia é uma ciência que estuda o espaço no tempo, por isso nos levou a analisar como uma religião se difunde, deixando marcas materiais e imateriais da sua identidade, usando lugares diferenciados consoante a região.

A Geografia tem um papel importante na religião ao construir redes de difusão não só teológica, que por vezes tem barreiras, que originam fracturas difíceis. A Geografia pode, através do estudo demográfico, fomentar o diálogo inter-religioso de modo a ser transformado numa união das ONG confessionais e com cariz caritativo de forma aos Estados, conseguirem uma resposta mais rápida para as necessidades das suas populações. São as Igrejas que além de formarem valores morais, sociais, estão directamente mais perto do cidadão, sabendo quais as necessidades da população da sua área. Os grandes fluxos migratórios promovem uma multiculturalidade de identidades religiosas que estão mais presentes nas áreas urbanas, mas que causam instabilidades quando existe a intenção de domínio de uma das religiões, remodelam paisagens que se encontram num intenso movimento.

A análise do nosso caso em estudo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, levou-nos a compreender que a sua difusão no território português, foi em determinado momento em sentido oposto aos fluxos demográficos nas grandes cidades, pois muitas das famílias ao aceitarem o conselho da fundadora da Igreja Ellen White, partiram em compra de quintas nas áreas abandonadas pelo êxodo rural. Outra etapa de crescimento da igreja coincidiu com a chegada dos ex-colonos que, nos anos 70, trouxe um reavivamento à Igreja. Apesar de a igreja acompanhar a tecnologia e utilizá-la para a evangelização, esta não consegue vingar sem o contacto de sistematização de evangelizadores. A internet, a TV, a rádio ou a literatura, são apenas meios para uma consolidação da fé, existindo sempre uma necessidade de partilha do mesmo espaço sagrado com pessoas que têm a mesma ideologia religiosa.

Não se pretendeu estudar uma área amostra que representasse o conjunto da Igreja Adventista a nível nacional, contudo, deste estudo de caso

tiraram-se ilações e dados importantes para outros estudos e análises que se impõem em diferentes lugares e escalas geográficas.

Bibliografia

- ABDALA, Gina Andrade, RODRIGUES, Wellington et al; *A religiosidade/ espiritualidade como influencia positiva na abstinência, redução e/ou abandono do uso de drogas*; Rever, Revista de Estudos da Religião; Março 2010
- ABELLÁN, Aurélio Cebrián. *Entidades Confesionales no Católicas y su distribución territorial en España*; Papeles de Geografía 26 Julio – Diciembre: Universidad de Murcia 1997
- ALGRANTI, Joaquin M; *Apontamentos sobre mudança religiosas na Argentina. Aproximações ao estudo das formas de conversão e passagem no mundo neo-pentecostal*. Rever, Revista de Estudos da Religião; Março 2010
- ALMEIDA, R. Religião na Metrópole Paulista. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Out. Vol. 19, nº56. São Paulo, 2004 pp. 15-27
- AZEVEDO, Hebert Guilherme de. *A difusão espacial de uma ideia religiosa: a espacialidade do movimento espírita organizado no município de São Gonçalo – RJ (2008) uma análise a partir da teoria da difusão espacial das inovações*. Rio de Janeiro, monografia (graduação em Geografia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2009
- Atlas da Globalização, Le Monde diplomatique, Lisboa, 2003
- BAILY, Antoine, SCARIATI, Renato, SIMÕES, José Manuel. *Viagem à Geografia*, João Azevedo Editor, Mirandela, 2009

- BRITO, Enio José da Costa; OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008; Rever, Revista de Estudos da Religião; Março 2010
- CAMPOS, Rui Ribeiro; *O espaço religioso, a Geografia e a MPB: uma proposta para o ensino médio*; Puc Campinas
- FERREIRA, Ernesto. *Arautos de Boas Novas*; Publicadora Servir; Lisboa, 1ª Edição, Dezembro 2008
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização e as regiões-rede*. Anais...V CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA – Curitiba: AGB, 1995
- GIL FILHO, Sylvio Fausto; *Geografia da Religião: Reconstruções teóricas sob o idealismo crítico*;
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Geografia da Religião a partir de formas simbólicas em Ernst Cassirer: Um estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil*; Rever, Revista de Estudos da Religião; Junho 2009
- GROOT, Kees de; *The Institutional Dynamics of Spiritual Care*; Rever, Revista de Estudos da Religião; Março 2010
- LIMA, Fernando Raphael Ferro. *Geografia da Religião no Brasil: censos demográficos e transformações recentes*; Mercator – Revista da Geografia da UFC; Ano 08, numero 16, 2009
- MARTINI, Mónica P.. *Identidad cultural: la religiosidad*; Revista de la Universidad del Salvador; Signos Universitários; Identidad y Futuro II; Año XVII, Numero 33, Enero/Junio 1998
- RALPH, D. Winter, Steven C. Hawthorne & Kevin D. Bradford *Perspectivas no Movimento Cristão Mundial*. Editora: Vida Nova; São Paulo, 2009

- RIVERA, Paulo Barrera; *Pluralismo religioso e secularização: Pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil*; Rever, Revista de Estudos da Religião; Março 2010
- ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: Uma abordagem Geográfica*; Universidade do Estado do Rio de Janeiro; EdUERJ; 2º Edição; 2006
- ROSENDAHL, Z. ; CORRÊA, R. (Org). *Geografia cultural: um século*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, v. 3 (Coleção Geografia Cultural).
- ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: O sagrado e o urbano*; Universidade do Estado do Rio de Janeiro; EdUERJ; 2º Edição; 2009
- ROTH, Ariel A., *Origens-Relacionado a Ciência com a Bíblia*; Casa Publicadora Brasileira – SP; 2003
- SANCHEZ, Wagner Lopes; Frank USARSKI. *O Budismo e as outras. Encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais. Aparecida: Ideias & Letras, 2009*; Rever, Revista de Estudos da Religião; Março 2010
- SANTOS, Maria Graça Lopes da Silva Mouga Poças; *Espiritualidade e território: estudo geográfico de Fátima*, Coimbra 2004
- SARMENTO, J,PIMENTA, J.R et al; *Ensaio de Geografia Cultural*, Editora Figueirinhas, Porto 2006
- TERRA, Ana Carolina Lobo; *Fé, Espaço e Tempo: Análise da Difusão das Dioceses Católicas no Estado do Espírito Santo*. NEPEC/UERJ

- TUAN, Yu-fu; *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, Diefel, São Paulo/ Rio de Janeiro, 1980
- YAMADA, Masanobu; *Tenrikyo in Brazil from the perspective of globalization*; Rever, Revista de Estudos da Religião; Março 2010

Outras Fontes

Em 9-5-2011:

- <http://adventismoemfoco.wordpress.com/2009/04/20/estatisticas-mundiais-da-igreja-adventista-do-setimo-dia-entre-1997-e-2007/>

Em 20-6-2011:

- http://www.advir.com.br/sermoes/sermao_c_Evangelismo%20via%20Internet.htm,